

Bené
Fonteles
conVida



Realização

ARTE na ESPREITA e na ESPERA...

POÉTICAS na QUARENTENA!



BENÉ FONTELES

conVida

ARTE na ESPREITA e na ESPERA...

POÉTICAS na QUARENTENA!

Ailton Krenak
Alex Flemming
Almandrade
Alzira E
André Barone
André Brandão
André Vallias
Angélica Torres Lima
Arnaldo Antunes
Badi Assad
Banda Panc
Bárbara Tércia
Bill Lundberg
Carlito Maia
Déa Trancoso
DJ MAM / Chico César / Baiana System

Cid Campos
Climério Ferreira
Daniel Rangel
Dayara Figueroa
Denilson Baniwa
Edith Derdyk
Elza Maria Sinimbu Lima
Fernando Coelho
Fernando França
Fernando Limberger
Flávia Cirne
Gilberto Gil
Glenio Lima
Guto Lacaz
Hamilton Faria
Hazamat

Hélio Fervenza
Jonas Barros
Julio Villani
Marcio Almeida
Maria Helena Andrés
Marlui Miranda
Miguel Chikaoka
Miguel Penha
Miguel Simão Costa
Mila Petrillo
Nicolas Behr
Paulo Miyada
Regina Vater
Sarah Hallelujah
Stênio Diniz
Vicente Sampaio



DESOBEDIÊNCIA
CIVIL:

NÃO SAIA DE
CASA
NEM
A
PARA!



"Faz escuro, mas eu canto"

Thiago de Mello

Fazemos coro ao tema da próxima Bienal de SP, que não se sabe, se acontecera este ano.

O tema “faz escuro, mas eu canto”, é nada mais que apropriado para o vírus que nos assola junto com a trágica situação política e econômica do país. É muita provação e desafio para um só ano!

Por isso, solidários a Bienal SP e aos artistas que vem figurar com generosidade criativa nesta segunda edição da Poéticas da Quarentena, viemos fazer uma homenagem ao artista Gilberto Gil, o mais completo em todos os sentidos: da composição musical arrojada à poesia singular; no interprete genial e original, um xamã da tribo no Palco a transmutar energias; do musico com a invenção de um violão que só João Gilberto criou para o prazer de nossa ainda bossa nova; de um ser humano completo na política pública – nosso melhor ministro da cultura em toda história da República; pela defesa das questões ambientais com tudo e mais a criação da Fundação OndAzul para cuidar de nossas águas sujas, e não menos, pela capacidade generosa da sabedoria existencial, eivada de compaixão e amor pelo Outro, explicita

nas canções e na vida farta de muitas venturas.

Gil como Caetano, viveram momentos escuros na prisão no Brasil, no exilio em Londres e transformaram e se reinventaram lá e cá por meio da Arte da música e de atitudes coerentes e sábias.

É de suas vidas inspiradas e também cheia de alegrias ousadas e criativas, que precisamos para reinventar o Brasil que sonhamos.

Gil é a “mais perfeita tradução” deste sonho e seu mais leal artifice.

Não atoa escrevi um livro sobre ele e produzi seu belo disco “Gil Luminoso” voz & violão para iluminar o país que não saiu ainda da pratica do genocídio e da escravidão.

Que ele continue nos iluminando e nos ensinando a aprender a só SER!

Saudações

“Antes Arte do que Tardé”

Bené Fonteles

A close-up profile photograph of Ailton Krenak, a Brazilian Indigenous leader. He is wearing a traditional headband with a woven pattern and a decorative fringe of light-colored beads or feathers. He is also wearing a vibrant red shawl with intricate yellow and green patterns. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting an outdoor natural setting.

Entrevista **Ailton Krenak**

Vivemos esta experiência de isolamento social, como está sendo definida a experiência do confinamento, em que o mundo inteiro tem de se recolher. Ao mesmo tempo, assistimos a uma tragédia de gente morrendo em diferentes lugares do mundo, ao ponto de na Itália os corpos serem colocados em caminhões para incinerar, sem sequer ser identificados.

Essa dor, talvez ajude as pessoas a responder a essa pergunta. Nós nos acostumamos com a ideia de que somos uma humanidade. Embora a ideia tenha sido naturalizada, ninguém mais presta atenção ao sentido do que venha mesmo ser humano. É como se tivéssemos várias crianças brincando que, por imaginar essa fantasia da infância,

continuassem a brincar por tempo indeterminado. Viramos adultos, estamos devastando o planeta, cavando um fosso gigantesco de desigualdades entre povos e as sociedades.

De modo que há uma sub-humanidade que vive uma grande miséria, sem chance de sair dela. Isso também foi naturalizado. O presidente da República disse outro dia que brasileiros vivem no esgoto. Esse tipo de mentalidade doente está dominando o planeta. E veja agora esse vírus, um organismo do planeta, responder a essa alienação dos humanos com um ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta sobre o seu preço.

Veja que esse vírus está discriminando essa humanidade. Ele não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Apenas a humanidade está sendo discriminada. Quem está em pânico são os povos humanos, o modo de funcionamento deles entrou em crise. Consolidaram esse pacote que é chamado de humanidade, que vai sendo descolada de uma maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seletivo, vamos dizer, bacana. E tem uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela. Por isso digo, no livro, que é um clube seletivo, que não aceita novos sócios.

Estamos há muito divorciados desse organismo vivo que é a Terra. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só os que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas todos. Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas, tomam conta e submetem o planeta: acabam com florestas, montanhas, transformam tudo em mercadorias.

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações, que são os donos da grana. Agora, já imaginou que esse organismo, o vírus, possa também ter se cansado da gente e nos “desligado”? Sabe como faz isso? Tirando o nosso oxigênio. Dizem que a Covid-19, quando evolui para os pulmões, se não tiver bomba, aparelho para alimentar de oxigênio, a pessoa morre. Quantas máquinas dessa vamos ter de fazer? Para 6 bilhões de pessoas na terra?

A nossa mãe, a Terra, dá de graça o oxigênio, põe a gente para dormir, desperta de manhã com sol, dá oxigênio, deixa pássaros cantar, as correntezas, as brisas, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? Isso pode significar uma mãe amorosa, que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos por um instante. Não é porque não goste dele, mas quer ensinar alguma coisa para ele. Filho, silêncio. A Terra está falando isso para a humanidade. E ela é tão maravilhosa que não é ordem imperativa. Ela simplesmente está dizendo para a gente: silêncio. Esse é também o significado do recolhimento.

(...)

Parei de andar mundo afora, suspendi compromissos. Estou com a minha família na aldeia Krenak, no Médio Rio Doce. Já estávamos aqui de luto com o nosso Rio Doce. Não imaginava que o mundo faria esse luto conosco. Está todo mundo parado. Todo mundo. Quando os engenheiros me disseram que iriam usar a engenharia, a tecnologia para recuperar o Rio Doce, perguntaram a minha opinião. Eu disse: a minha sugestão é impossível de colocar em prática. Pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a 100 quilômetros na margem direita e esquerda do rio, até que voltasse a ter vida. O engenheiro me disse: ‘Mas isso é impossível!’. O mundo não pode parar. E o mundo parou.

Desde muito tempo a minha comunhão com tudo o que chamam de natureza é experiência que não vejo muita gente que vive na cidade

valorizando. Já vi pessoas ridicularizando, ele conversa com árvore, abraça árvore, conversa com o rio, contempla a montanha, como se isso fosse uma espécie de alienação. Essa é a minha experiência de vida. Se é alienação, sou alienado no sentido comum que as pessoas. Há muito tempo não programo atividades para depois. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã.

O ritmo de hoje não é o da semana passada nem o do ano novo, do verão, de janeiro ou fevereiro. O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. Desconfio que não vai ser a mesma coisa depois. Se tiver depois. Tem muita gente que suspendeu projetos, atividades que estavam fazendo. As pessoas acham que basta mudar o calendário. Estão enganadas. Pode não haver o ano que vem.

Em artigo que li sobre a pandemia, o sociólogo italiano Domenico de Masi cita a obra profética *A peste*, de Albert Camus: a peste pode vir e ir embora sem que o coração do homem seja modificado. Ele cita trecho inteiro do romance em que o personagem diz, aquele bacilo que trouxe aquela mortandade, que parece que tinha sido dominado, podia continuar oculto em alguma dobra, algum corrimão, janela, poltrona, só esperando o dia em que, infortúnio ou lição aos homens, a peste acordará seus ratos para mandá-los morrer numa cidade feliz.

Este vírus que nos ameaça não é o mesmo na China, na Itália, nos Estados e no Brasil. Ele muda. E se muda, não sabemos o que é. Então seria muito bom parar de fazer projetos para amanhã, para o ano que vem e nos ater ao aqui e agora. Não tenho certeza nenhuma se no ano que vem tudo vai continuar a acontecer como se nada tivesse mudado. E tomara que não voltemos à normalidade, pois se voltarmos é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro. Aí, sim, teremos provado que a humanidade é uma mentira. Se essa tragédia serve para alguma coisa, é nos

mostrar quem nós somos. Estamos em suspensão. Vamos ver o que vai acontecer.

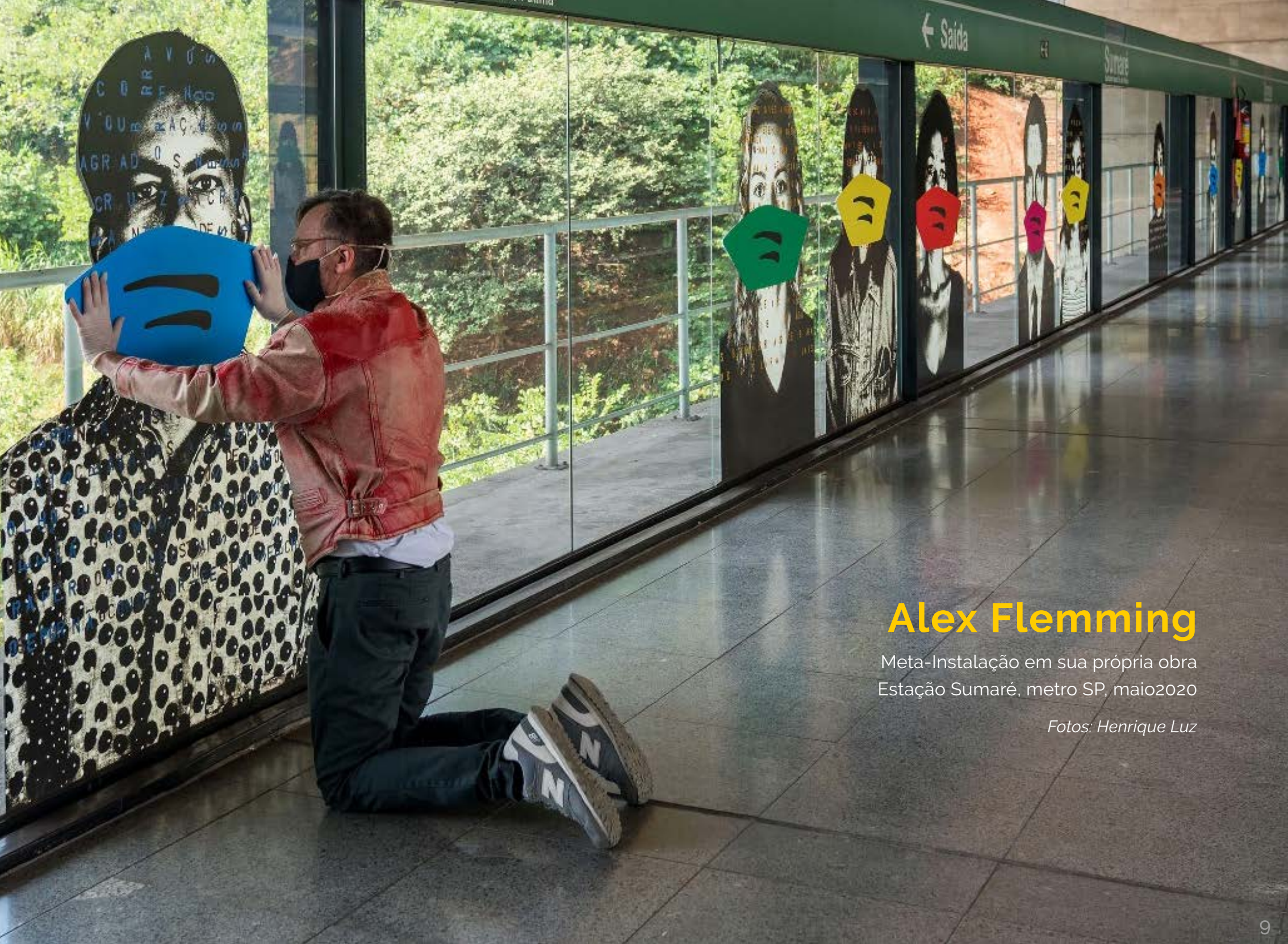
Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea em que o consumo tomou o lugar daquilo que antes era cidadania. Para que cidadania, alteridade, estar no mundo de uma maneira crítica e consciente, se você pode ser um consumidor? Essa ideia dispensa a experiência de viver numa terra cheia de sentido, numa plataforma para diferentes cosmovisões.

Boaventura de Sousa Santos nos ensina que a ecologia dos saberes deveria também integrar nossa experiência cotidiana, inspirar nossas escolhas sobre o lugar em que queremos viver, nossa experiência como comunidade. Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, adiaremos o fim.

Como os povos originários do Brasil lidaram com a colonização, que queria acabar com o seu mundo? Quais estratégias esses povos utilizaram para cruzar esse pesadelo e chegar ao século 21 ainda esperneando, reivindicando e desafinando o coro dos contentes? Vi as diferentes manobras que os nossos antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos.

Ailton Krenak



Alex Flemming

Meta-Instalação em sua própria obra
Estação Sumaré, metro SP, maio 2020

Fotos: Henrique Luz

Sumaré

Santuário Nossa Sra. de Fátima





Almandrade



B

QUARENTENA

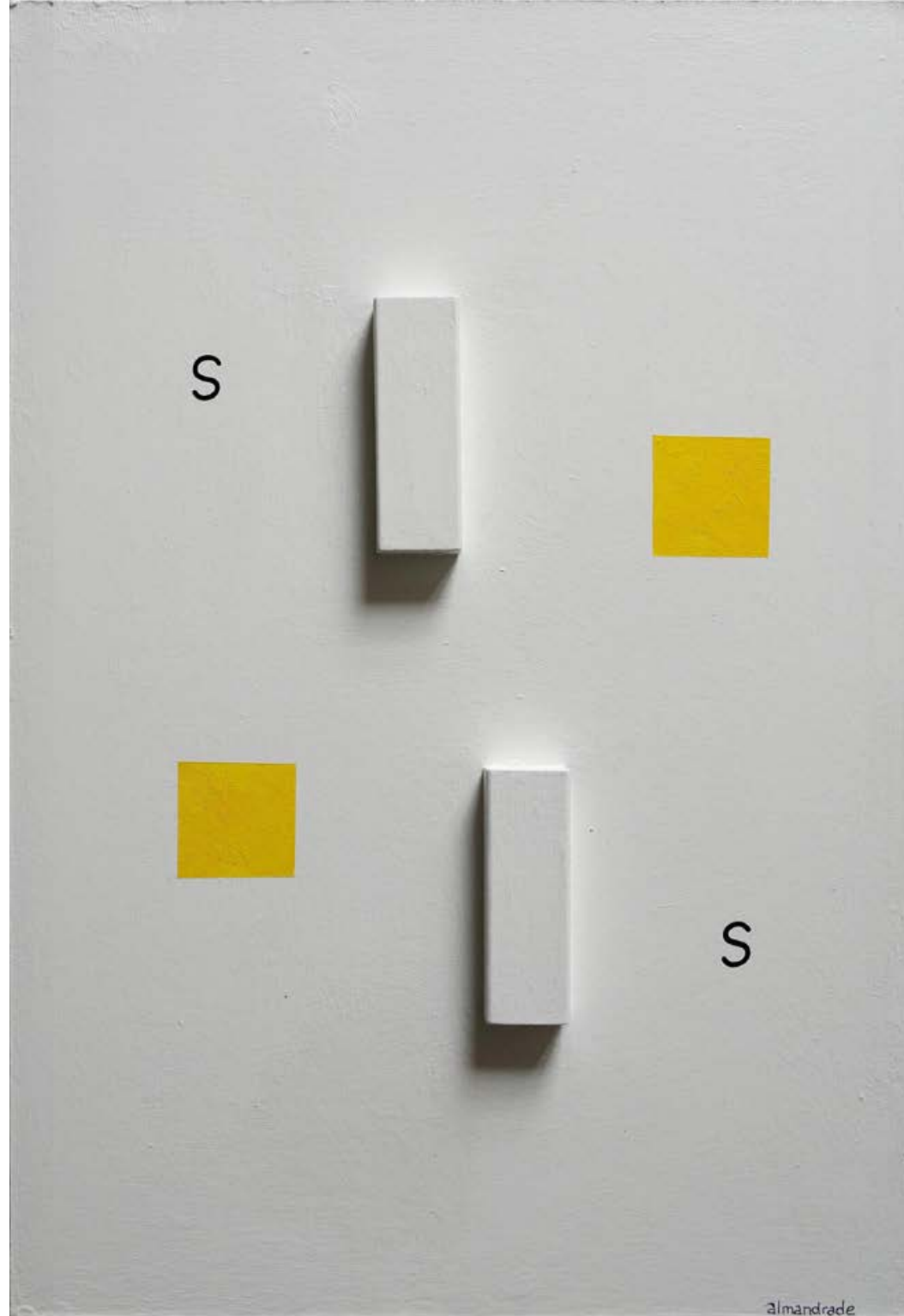
O desejo de sair não é maior
que o medo do inimigo invisível
a insônia não amedronta o tempo
nem a noite que parece eterna
lá fora a chuva na rua deserta
indiferente à solidão dos que
se escondem nas casas da cidade.



O som do trompete
de Chet Baker desliza
no silêncio do cômodo
As horas passam nos livros
para os últimos leitores
cortinas abertas
recepionam os raios do sol.



A porta da sala
não é saída
nem entrada
o mundo está cercado
nas paredes do quarto
o dia e a noite
se revezam
o sol entra pela janela
para dizer
que estamos vivos.



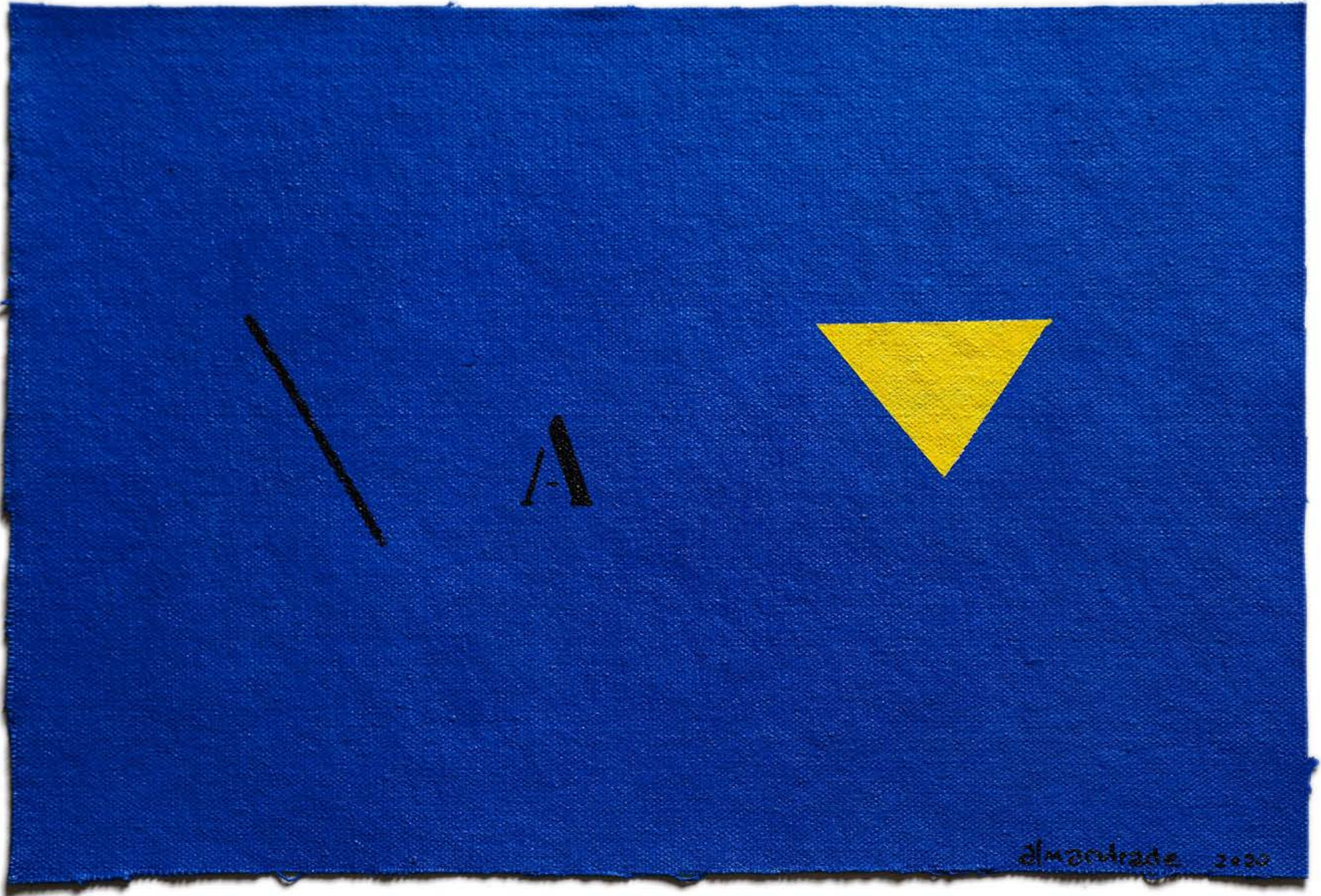
Vento solitário
varre o vazio
da cidade
o dia passa
como um cão
abandonado
o presente espera
o amanhã.



Turbinas dos aviões
desligadas
viagens congeladas
atrás de paredes.

Entre a sala, o quarto
e a cozinha
sonhos são sombras
invisíveis.

Indiferente
os pássaros no ar
exibem liberdade
e cantam a natureza.



Almagro 2020



almanade 2020

Alzira E

www.youtube.com/watch?v=Wy-oKJyL_3c

TUDO RESPIRA

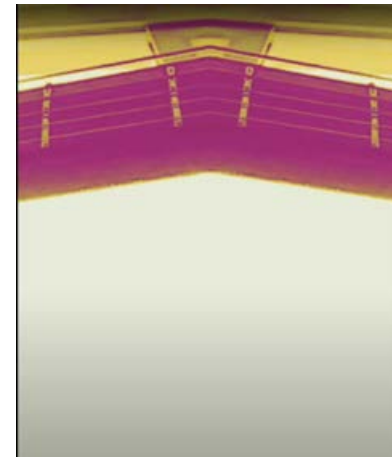
Alzira E e arrudA

o universo
acolhe
e transforma
o destino das coisas
tudo respira
deus nos habita
no acaso
e nas escolhas

*(Poema do Livro - A Representação
Matemática das Nuvens - Patuá-2014)
registro musical junho de 2020*

tudo respira

Alzira E / arrudA





www.youtube.com/watch?v=KF__Jsh-oQ8

CENA

Alzira E/ Tiganá Santana

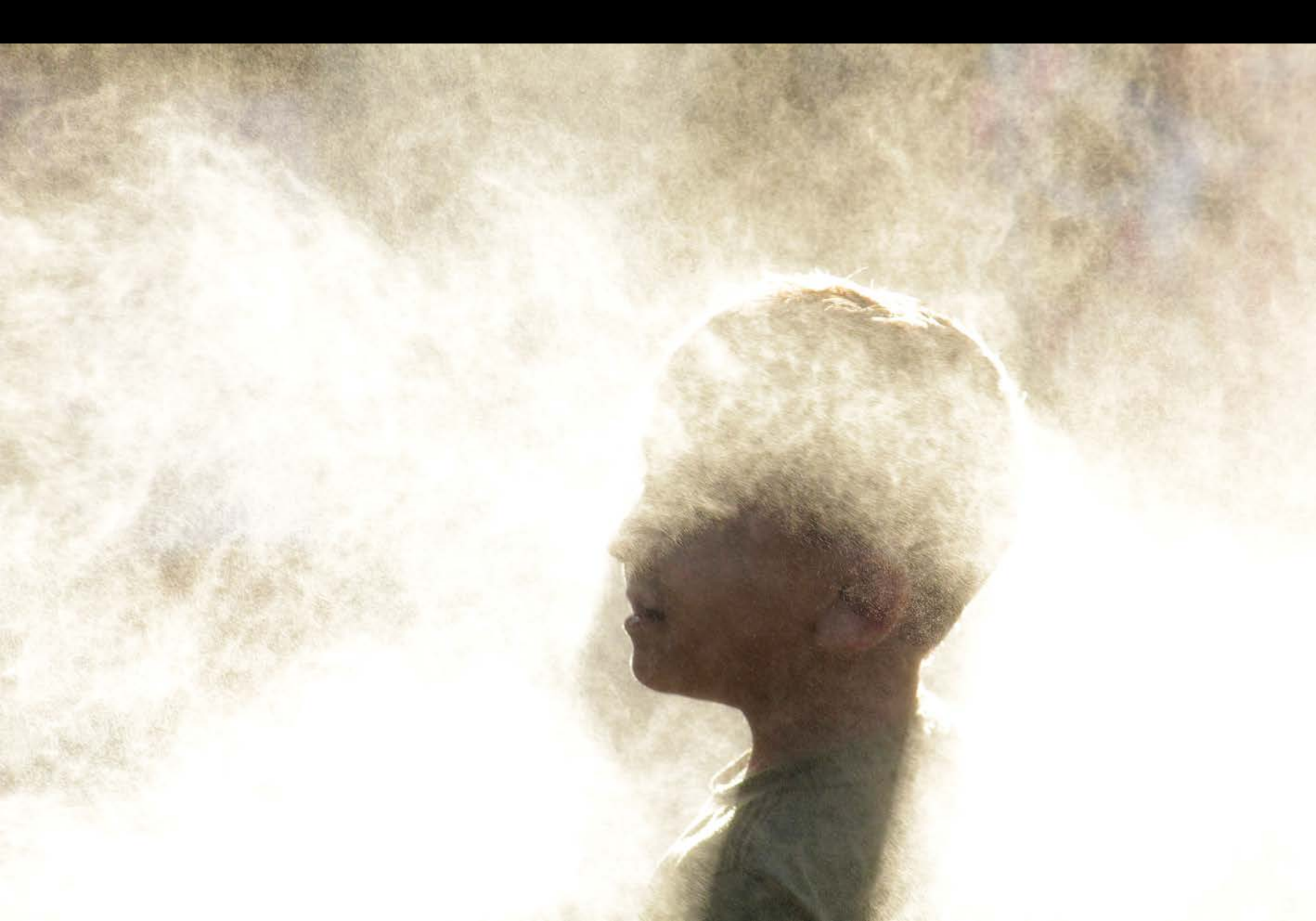
CENA nosso cinema nos diz que é pena partir infeliz
vida é um sonho que acena em plena cena matriz
qualquer figura é pequena inútil e serena raiz
não há medida nem trena papeis jamais farão bis
fotografia que rema em trama de águas e ardis
a direção se envenena e toda montagem desdiz
não há sentido ou emblema o mundo é o roteiro que fiz
depois é o nada que encena e a ausência se veste de atriz

Tiganá Santana (maio de 2020)

André Brandão



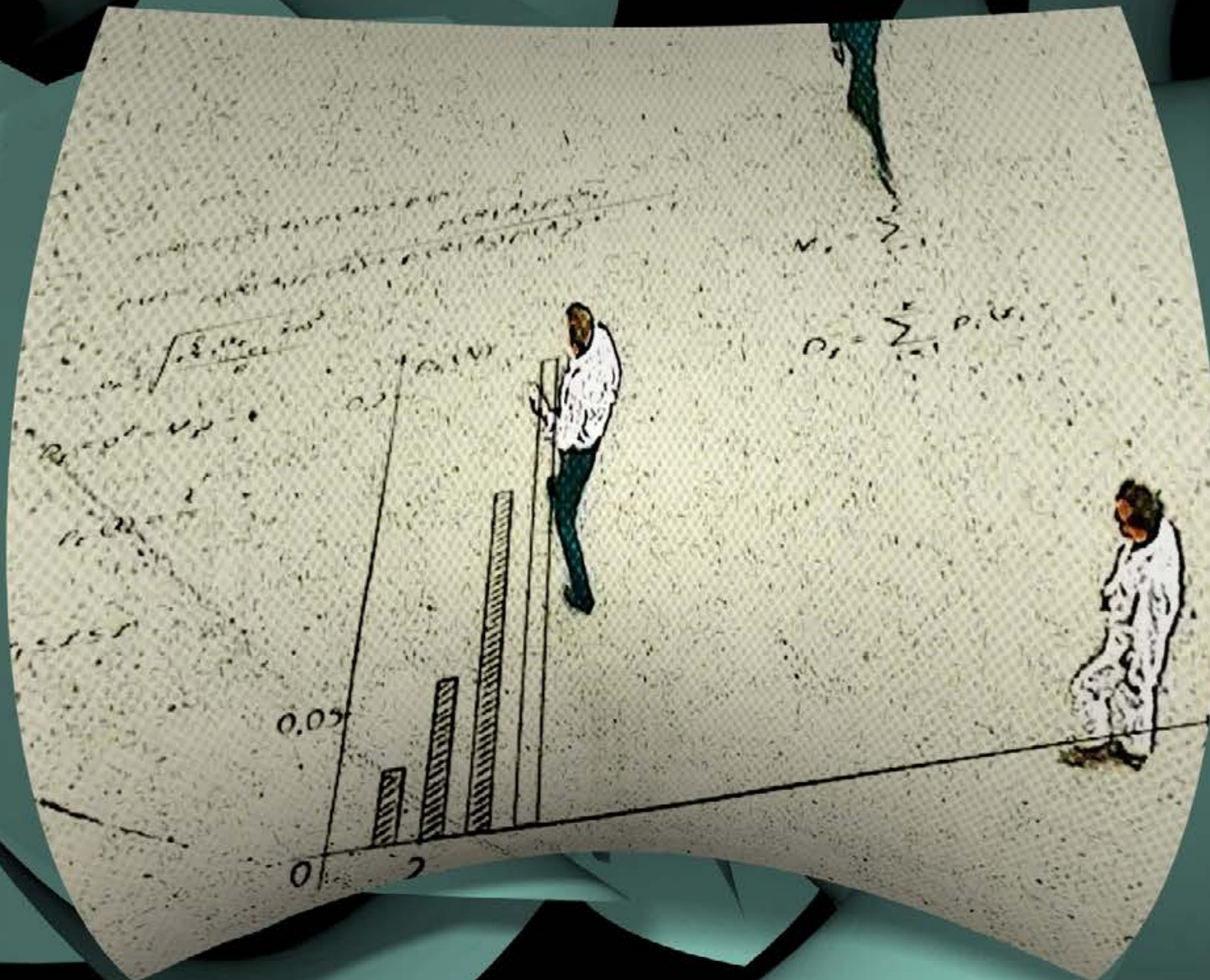


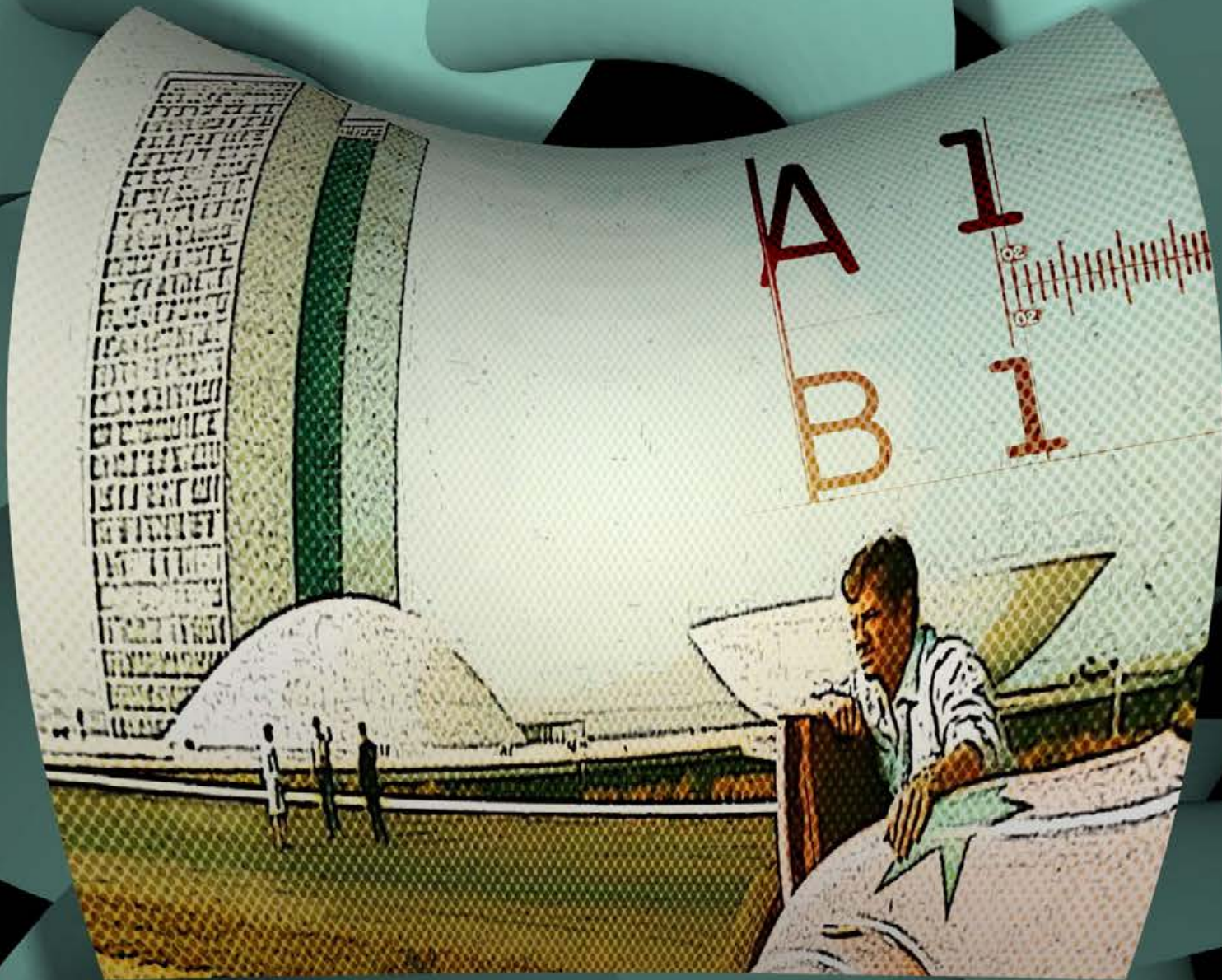


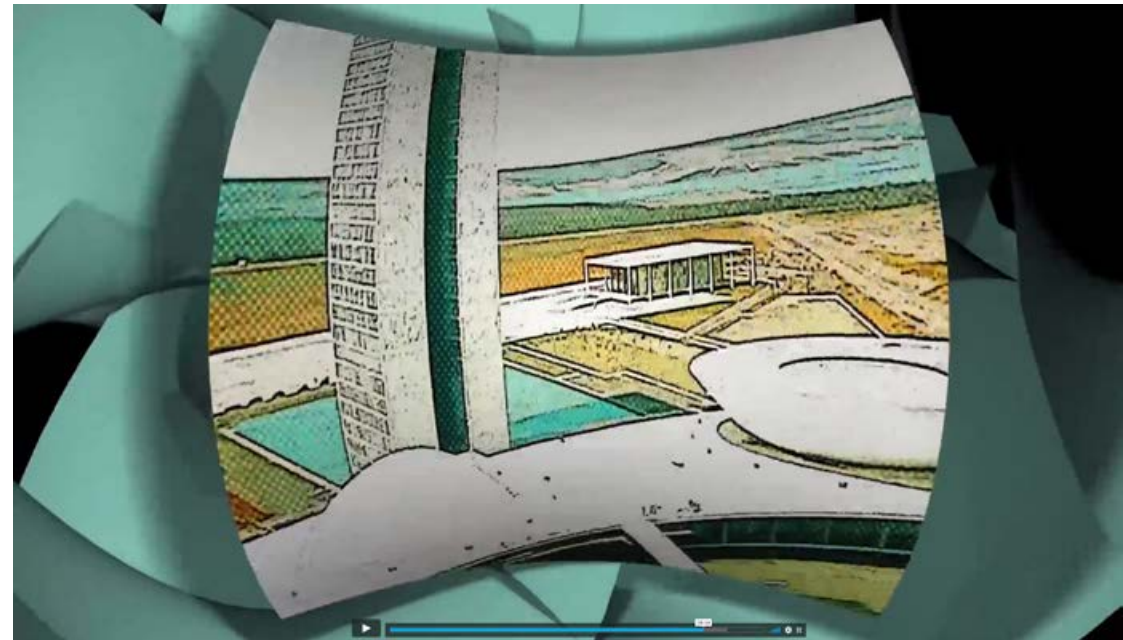
André Vallias

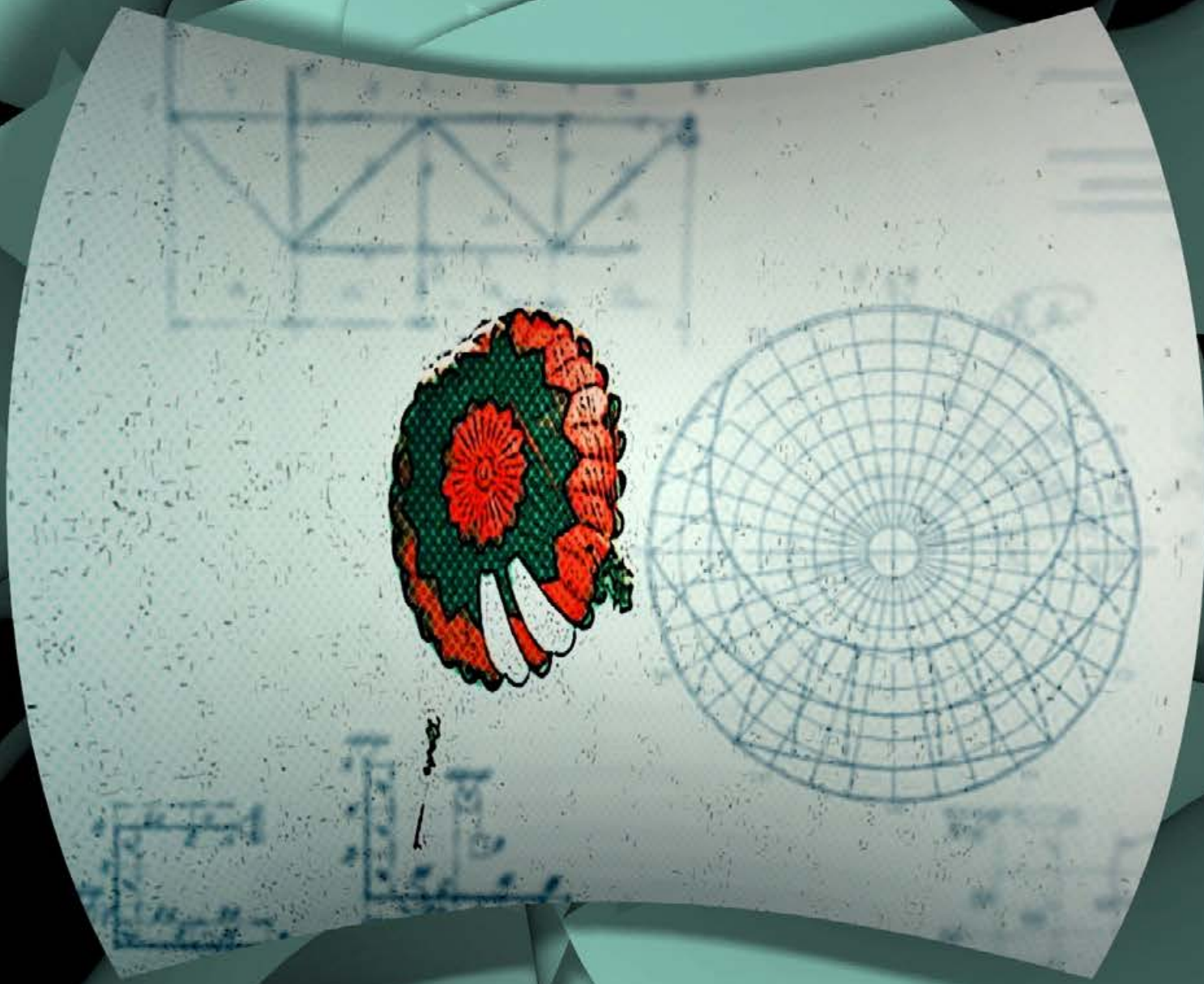
vimeo.com/430457055

HIÉRBOLE









Angélica Torres Lima

QUE NADA ?

e os favelados
os refugiados
os mortificados
moradores de rua
pensou neles
ao frio opaco
desta madrugada
em que você
pandemoniado
embala a insônia
acendendo um baseado
sorvendo um vinho
servindo-se um
conhaque
enquanto contempla
estrelas geladas
piscando para o Nada
que logo há de ser
toda a realidade
finda a estrada
?

A escuridão
vem caminhando
de tão distante
que nunca chega
a clarear-se
num horizonte
sequer imaginado
suposto apenas
sem ciência
abrindo frestas
ao pavio preparado
para o estopim
de que irrompa
a chama a flama
o agora sim.

Será a noite
a mais plena
tradução da ilusão
encarcerada no éter
na mente
do firmamento?

Seria nossa
a tarefa dessa
construção alegórica
que às cegas
no ermo caminha
rumo a um Sol
fugidio às nossas mãos?

Dormir já não basta.
Morrer também não.

SOLITÁRIOS

SOLIDÁRIOS

**Arnaldo
Antunes**



Badi Assad

[www.youtube.com/
watch?v=RCUvtVu-gD4](https://www.youtube.com/watch?v=RCUvtVu-gD4)

FULORZINHA

Canção de Marcus Ribas

Banda Panc

MURO CINZA

Caneta num bolso e o fone no outro
Voltando pra casa pensei em você
Eu vejo seu traço por todos os cantos
Sei seu sobrenome mesmo sem te ver
Os muros daqui nunca mais foram cinzas
Mesmo no busão eu me lembro de ti
Parece até feitiço, menino
Cê é um livro que eu nunca li
Que eu não sei como falar sua língua
Que eu não sei como falar
Que eu não sei como falar sua língua
Que eu não sei como falar

Caneta num bolso e o fone no outro
Voltando pra casa nem te percebi
Eu vejo seu traço por todos os cantos
Sei seu sobrenome mas já esqueci
Os muros daqui já não tem mais suas letras
Sento no busão e olho pra janela
Parece até feitiço, menino
Cê não faz tanta falta quanto ela
Não sei se quero falar sua língua
Não sei se quero falar
Que eu não sei se quero falar sua língua
Não sei se quero falar

Os muros daqui
Já não tem mais suas letras

S2 S2 S2 S2 S2
S2 S2 S2 S2 S2

www.youtube.com/watch?v=u1jaTkVN7XA

LETRA, VOZ E VIOLÃO: Madu Fernachione | BAIXO E BEATBOX: Lui Wunder
BATERIA: Yuri Penze | GUITARRA: João Franco | PRODUÇÃO E MIXAGEM: João Arruda



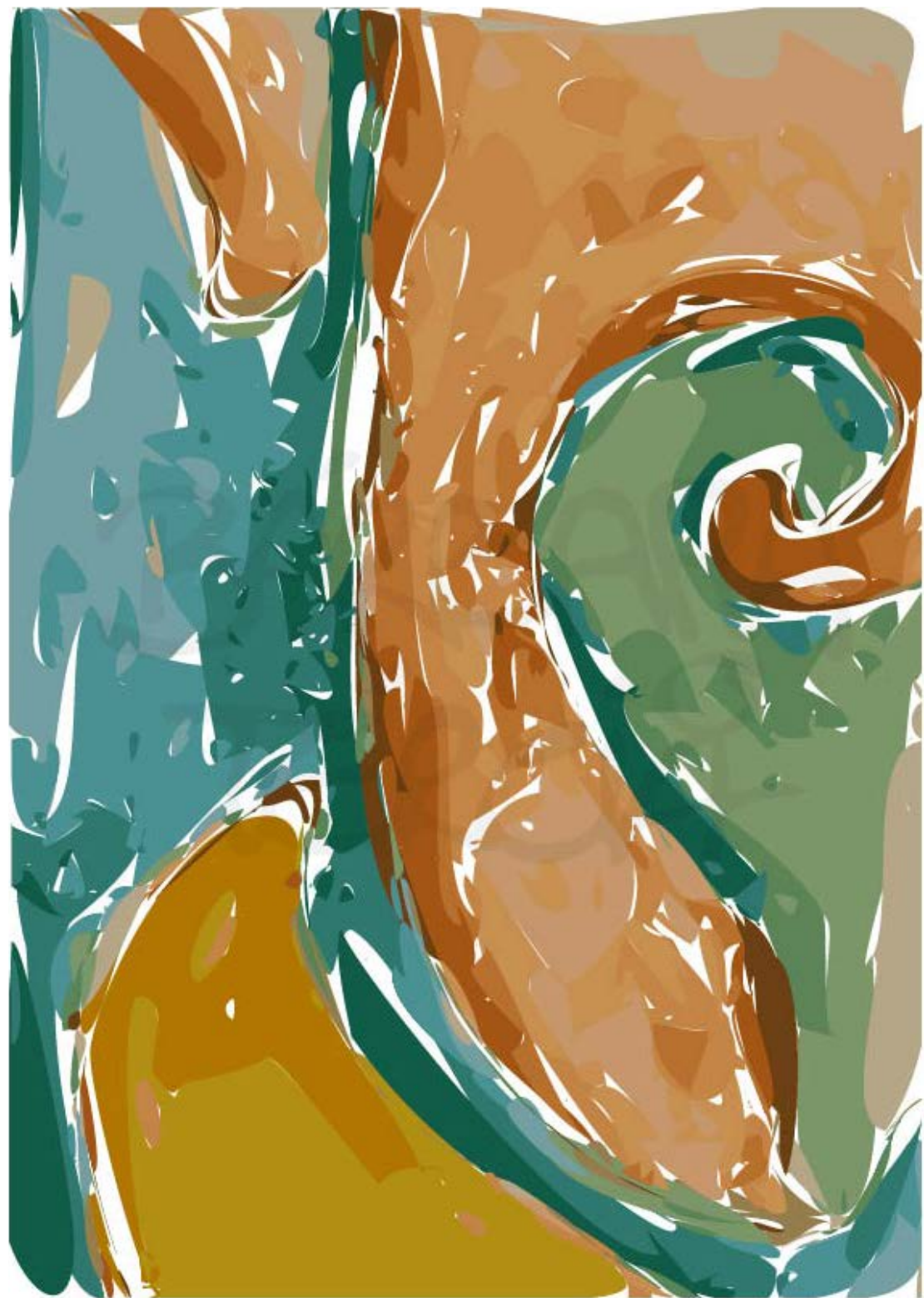
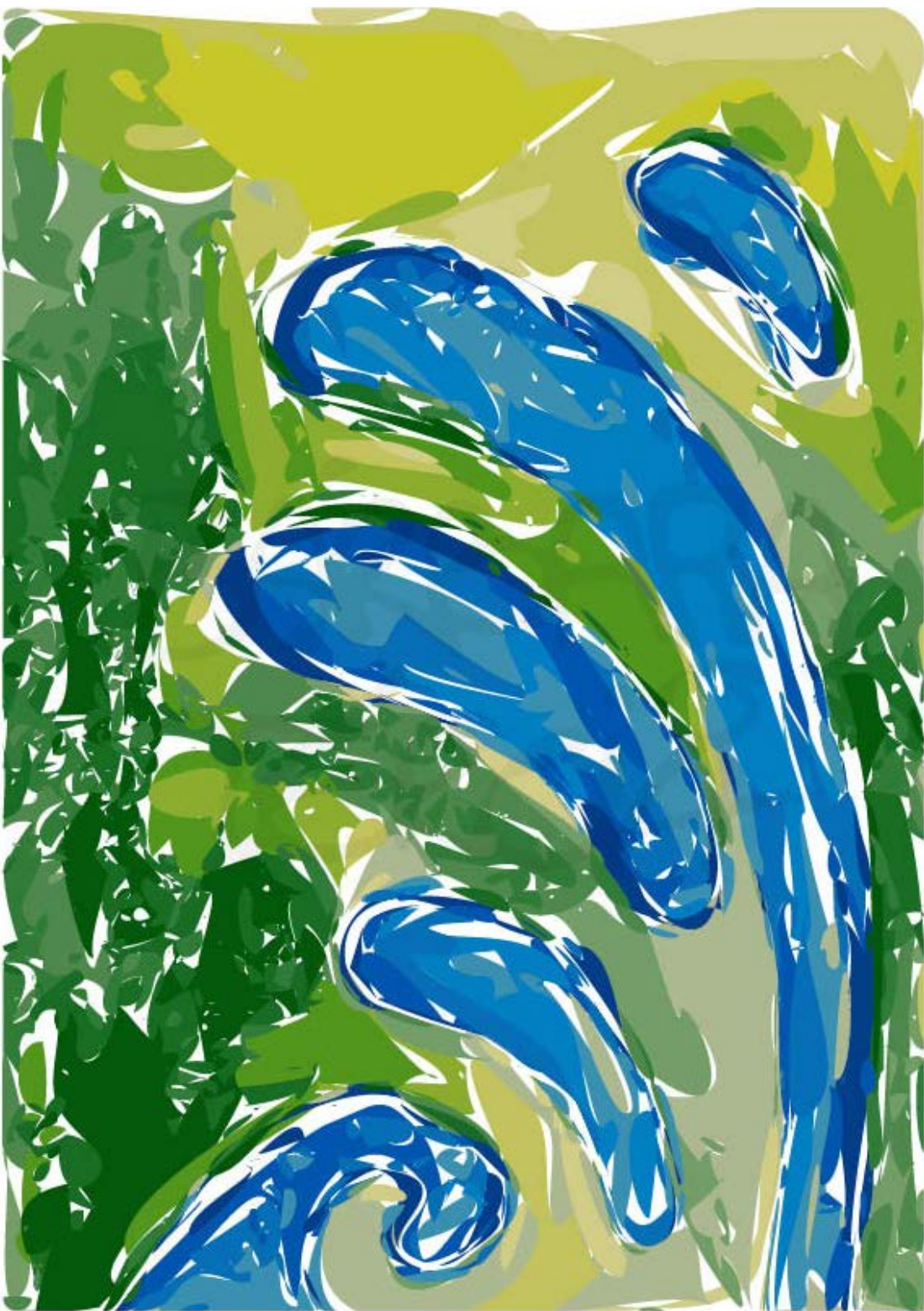


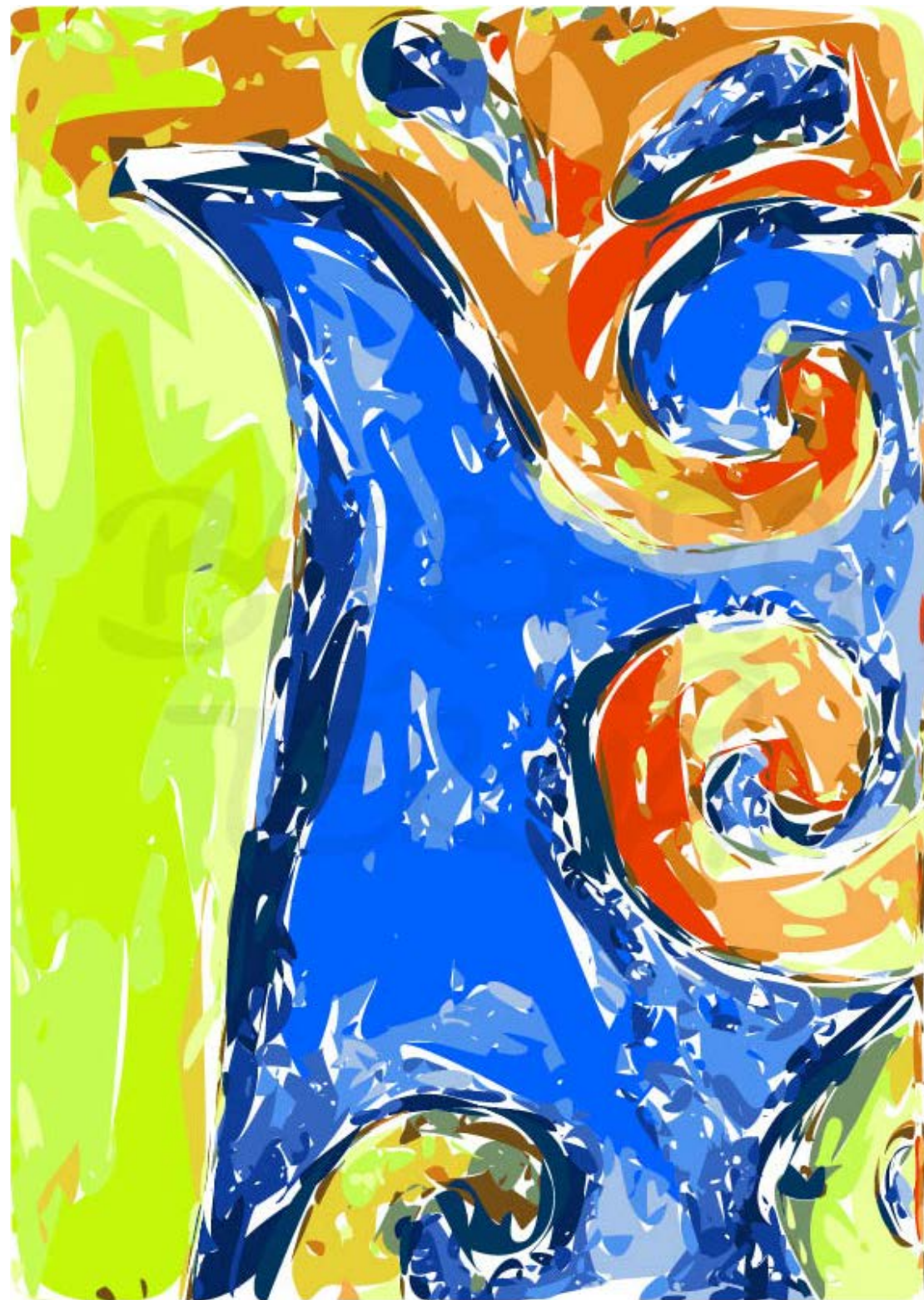
Bárbara Tércia

www.barbaratercia.com.br

www.facebook.com/B%C3%A1rbara-T%C3%A9rcia-661689814303336

[www.instagram.com/
barbaratercia/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/barbaratercia/?hl=pt-br)





Bill Lundberg









Foto: Lucila Meireles

Carlito Maia

(In memorial)

*Solitário
como uma árvore
e solidário
como uma floresta*

DJ MAM / Chico César / Baiana System

promo.theorchard.com/3TQ86BRJaVyGPBNZxAxm

DEMARCAÇÃO JÁ (REMIX 3)

DJ MAM & Chico César & BaianaSystem ft. Digitaldubs & Furmiga Dub & Sônia Guajajara



Cid Campos

youtu.be/-5rviP2uXdk

ONTEM É HISTÓRIA

Cid Campos/Emily Dickinson/tradução Augusto de Campos

Dom 14/06/20 09:21





Climério Ferreira

A VIDA COMO ARTE

Quisera que os dois
lados do cérebro se
comunicassem

E que a visão e a mão se
unissem em definitivo

De tal modo que o chão
poético habitasse o céu
dos dias

Para que os seres
tornados anjos
sobrevooassem a vida

E se olhassem com
propósitos de paz e
ânsia de amor

E a paixão posta em
todos os seus mínimos
gestos

Povoasse os cantos
mais recônditos das
nossas almas



Foto: Gentil Barreira

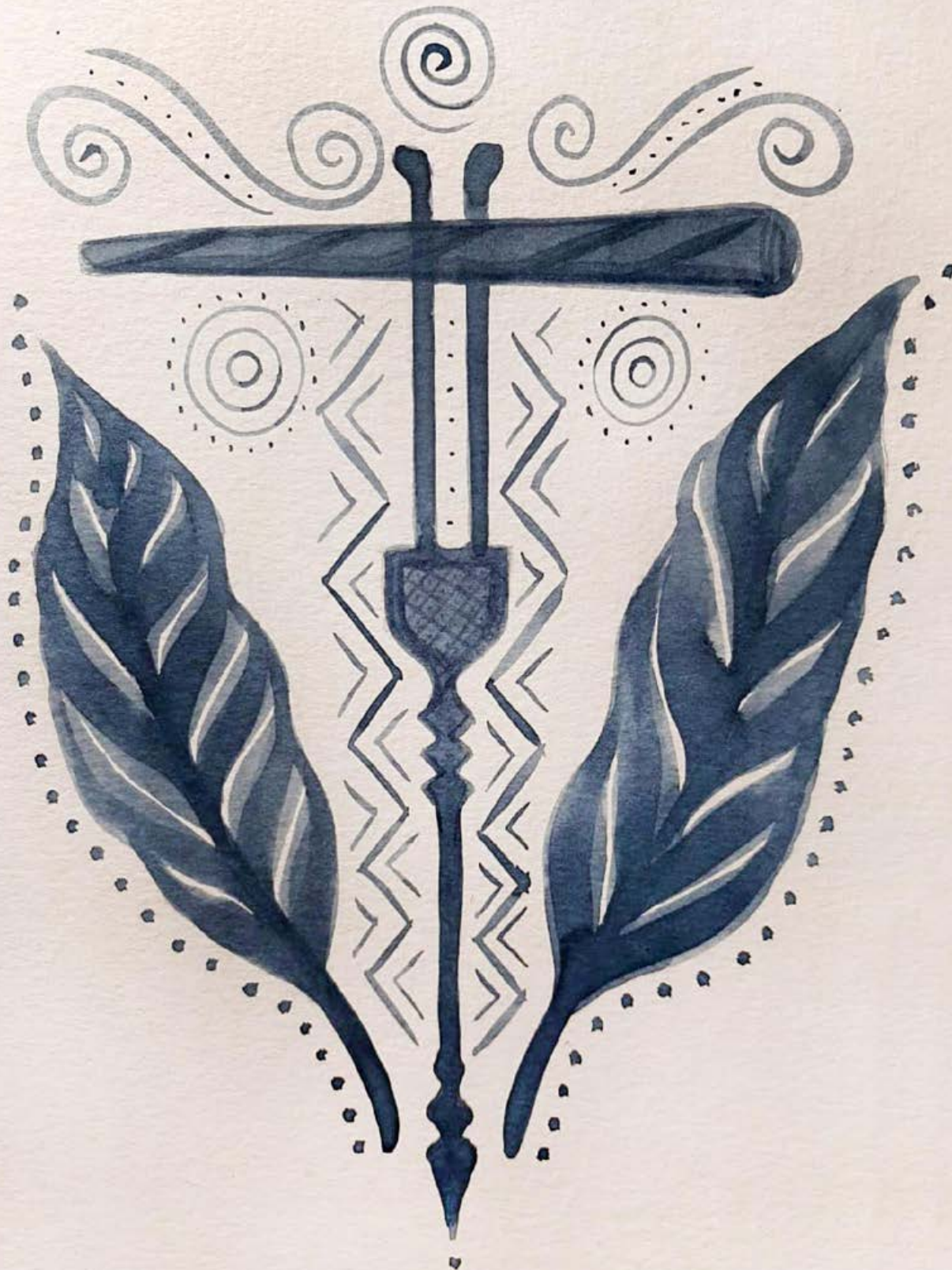
FAKE
NUMBERS

FAKE
GOVERNAMENT

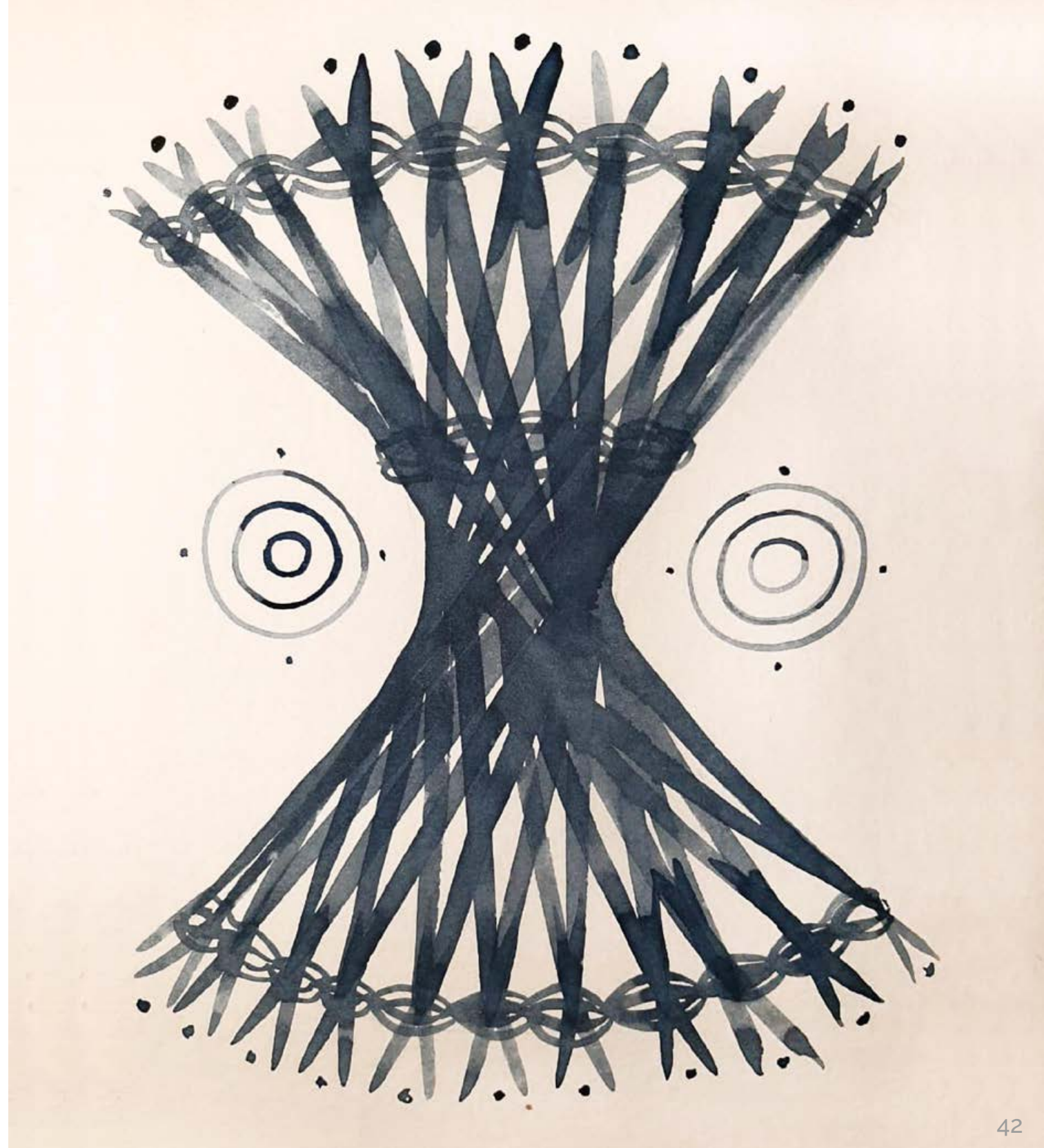
FAKE
YOU

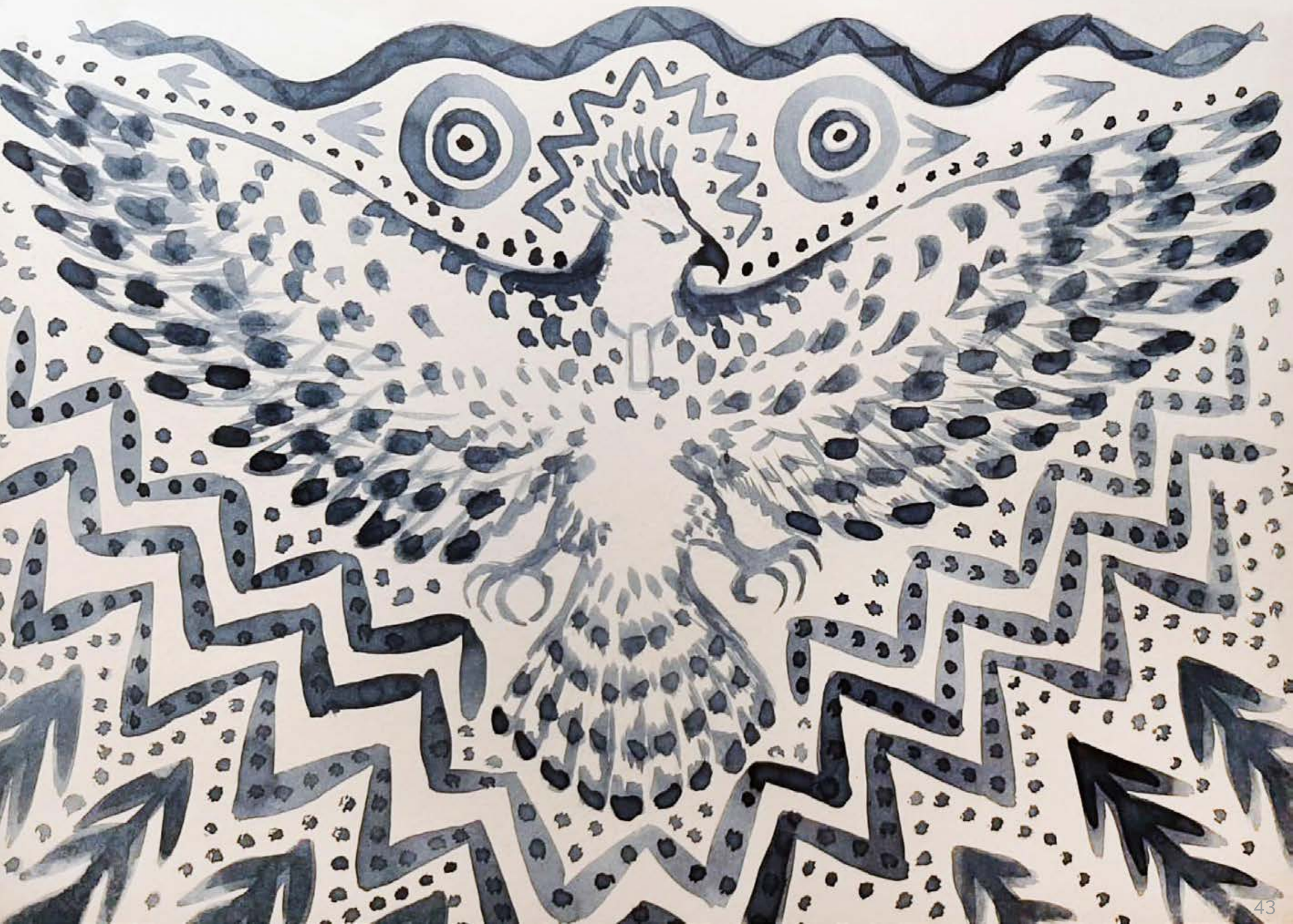
FAKE
US

**Daniel
Rangel**



**Dayara
Figueroa**







Na foto, o exu zé pelintra, pela pintura do grande artista maranhense Fernando Mendonça, um presente que ganhei dele e de sua mulher Marisa Silva.

Déa Trancoso

CARTOGRAFIAS DE ISOLAMENTO

metodologia das sutilezas: instaurações n-1: exu, peixe, passarinho, educação e amor.

peixe e passarinho sempre me pareceram seres de fronteira. estariam, assim, para mim, entre uma certa animalidade e uma certa categoria etérea (e, por isso mesmo, pouco percebida) que carrega no próprio corpo (e não na alma) suas imaterialidades. ou seja, possuem, já em suas primeiridades (suas existências visíveis), células com capacidades xamânicas que sabem agenciar mundos. poderíamos chamá-los de seres n-1, utilizando essa expressão diferentona e instigante de gilles deleuze (ele era bom nisso: criar palavras esquisitas para dar conta de nomear a vida que acontece no corpo e na relação do corpo com o mundo produzido). os seres n-1 são rizomáticos: possuem estrutura que se abre sempre em linhas de intensidade que instauram outro par de olhos por detrás destes olhos conhecidos; esses que insistem em determinar a imagem a priori. os outros olhos, então, deixam a imagem vir até eles e, estreboscopicamente e indeterminadamente (numa velocidade mais rápida e pouco usada pelo corpo), funde e co-funde as imagens umas nas outras e naquelas e, assim por diante, indefinidamente...

se (como emanuele cocchia quer) a gênese não foi o verbo, e, sim, a imagem (“antes da ação do verbo humano, as árvores já se refletiam nos espelhos solares, lunares e aquáticos”), as imagens peixe e passarinho podem ser quadros em movimento para observação e contemplação da nossa testemunha, no ato de inventar micropolíticas cotidianas para desativar as bombas de miséria do capital, num exercício do impossível e do talvez proposto por jacques derrida.

vamos pegar o salmão, por exemplo. como peixe, ele tem a labilidade, sua grande característica peixística. o que é lábil? ser lábil é a capacidade de navegar entre rachaduras muito estreitas, marcando, lenta e constantemente, novos caminhos e intensificando outras linhas –a conversa entre mundos. como salmão, especificamente, ele publica, de maneira inequívoca, uma propriedade dos seres n-1: sabe operar micropolíticas de contracorrente. o salmão, como é sabido (substantivo e adjetivo), nada correnteza acima, na época da sua reprodução. subir a maré, exatamente quando vai reproduzir, é, pelo menos, uma imagem forte. poderíamos chamar o nado em contra do salmão de sua “ancestralidade”. desse modo, o salmão nasce com um tipo de dispositivo para atravessar adversidades no contra, na diferença. o salmão é pura filosofia da diferença nas águas profundas da calunga grande, o mar. isso me chama a atenção na imagem salmão: o que poderia ser sua dor –nadar em contracorrente–, é a sua diferença, a sua liberdade.

cocchia advoga a tese de que a vida na terra e no céu é uma bagunça. e, ainda, que o nosso grande problema, a nossa grande dor, é querer organizar (controlar, rotular, dominar e matar) a bagunça, portanto, a vida. esse olhar cocciano é uma bifurcação de uma visão bastante antiga da cosmologia oriental: a vida é leela (ou lila): a vida é uma brincadeira cósmica, fruto da movimentação dos polos yin e yang

(a física quântica nos pede atenção aos territórios de mistura onde yin vira yang/ yang vira yin, em consubstanciação). se a imagem de uma criança brincando vem até aqueles nossos outros olhos veremos a bagunça. bagunça é mistura. a vida mistura e manda. neste caso, a imagem salmão é eloquente: o salmão não é da cor do salmão. o salmão é branco. o salmão fica da cor de salmão porque come camarão. dessa maneira, além de tudo, o salmão é camarão. e, percebam, há mais de uma liberdade nesse ver.

agora, vamos pegar o passarinho. como pássaro, ele tem a constrangedora suspensão no ar, seu principal gesto. sua amizade com a terra é profunda, sua intimidade com ela é alta: os dois estão literalmente suspensos no ar: são um com o ar, mixados. voar será, para sempre, um grande desejo nosso. mas, pasmem: nós já voamos (e, luxuosamente, em câmera lenta) com a terra! e essa é a grande lição do pássaro para o humano. mas, essa imagem pássaro, aparentemente sinônima da mais extrema liberdade, pode articular uma via mais rara. sempre me chamou a atenção uma loa cantada pelo maravilhoso ogã do terreiro que frequento, com sua voz cheia de irregulares e raras nuances sublimes:

“passarinhos não são livres, eles não podem optar por não voar”.

e, aqui, existe, talvez e impossivelmente, outros alongamentos para o nosso osso pensante: decisão, escolha, opção é coisa de gente. e gente pode instaurar e mudar o modo. maneiras de ser. gestos de ser. instaurar não é fundar. instaurar é coisa de quem está na superfície, o grande interesse de deleuze: as coisas que estão na superfície (o substantivo – não o que fizeram com o adjetivo. o substantivo, a estrutura da superfície e das coisas que estão sobre a superfície, as relações entre as coisas da superfície e da superfície com as coisas

em vice-versa). instaurar é intensificar uma maneira. instaurar é intensificar um gesto. instaurar é intensificar uma virtualidade. instaurar é testemunhar de milli jeitos o trajeto: travessia. instaurar é não ter a pretensão de chegar a um fim, mas de alcançar limites (abstratos e concretos).

falemos, pois, então, de exu. exu é aquilo que vem depois que o corpo escuta os 4'33" de silêncio da música de john cage. o que se segue é tão pouco real que não temos mais certeza de ter um corpo porque "a vida não é um bem que possuímos, a vida é uma pretensão", nos diz étienne sourriau. exu ocupa essa pretensão minúscula, quase invisível, no mapa mundi. o exu é a membrana viva da sensibilidade quase sempre dolorosa do limite: (in)/audível, (in)/visível. exu, seria, assim, os inúmeros canais de silêncio –inseparáveis dos canais da música (voz, instrumentos etc)–, gravados pelo dércio marques em suas experiências sonoras e que ele dizia ser "para, num arroubo, pegar as consciências (assim mesmo no plural) sem que o eu-ego notasse, e intensifica-las para existências com outros fins de Beleza". exu é uma literatura anterior, numa retrospectiva já ativada de capacidade instauradora. qualquer corpo que se senta à frente de um exu pode afetá-lo e intensificá-lo, instaurando-o para os devidos fins. qualquer corpo pode intensificar essa captação microfísica de grau zero que é o exu para os devidos fins. ele é a imanência entre quem recebe e quem vê quem recebe, quando quem vê quem recebe vê.

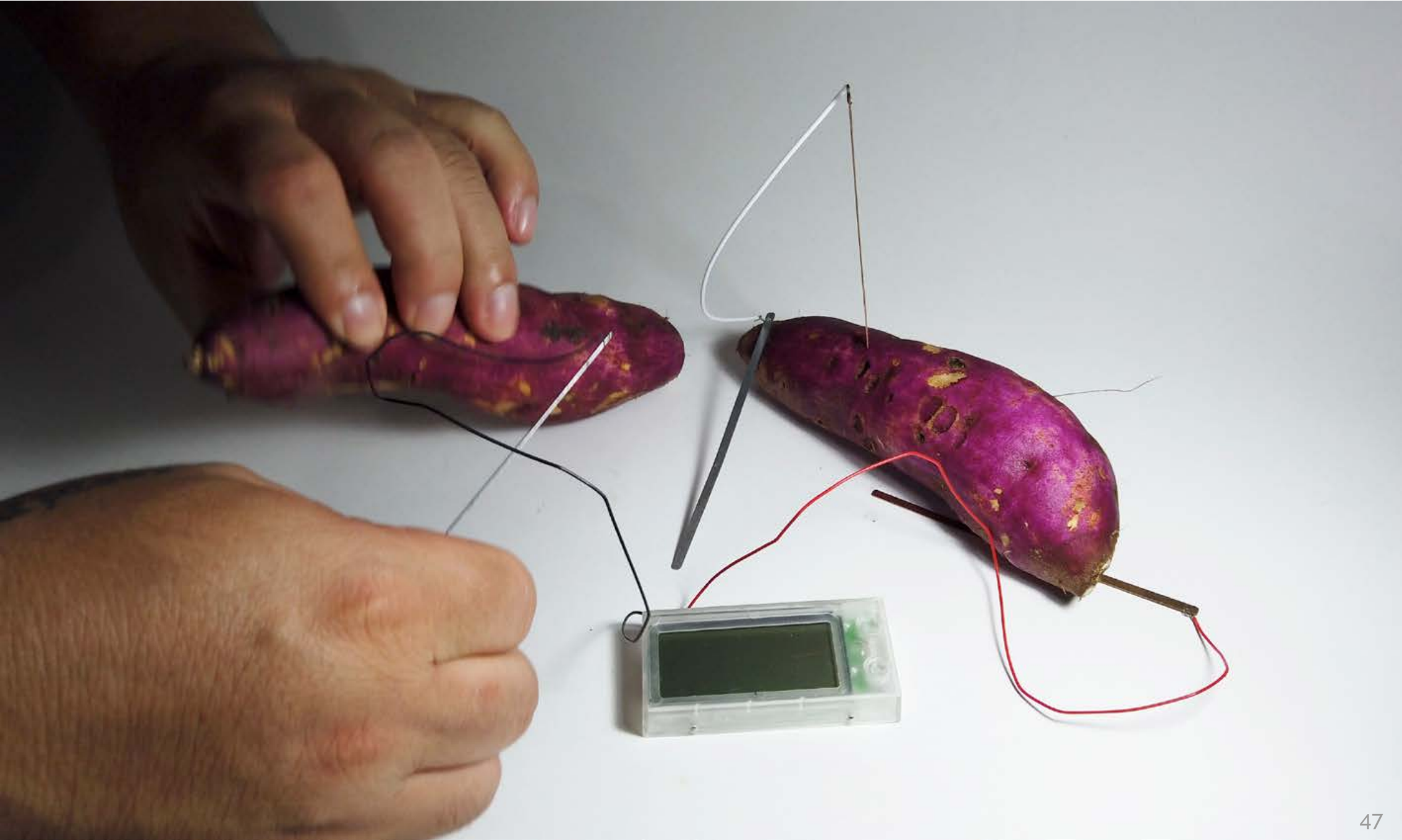
um exu seria, por fim, mixando falas dos exus zambarado e calunga da calunga grande ("usamos tudo que encontramos pela frente") com suely rolnik, um cartógrafo-antropófago que "se apropria de tudo que encontra pelo caminho para realizar seu trabalho, sem preconceitos, sem racismos e sem fascismos, mas que não deve ser

confundido com uma espécie de colonizador que traz na bagagem mapas e valores preestabelecidos, mas como alguém aberto a percorrer e descrever novos trajetos e caminhos que se apresentam como possíveis, munido, sempre, de um olhar de estrangeiro" (aqueles outros olhos).

"mesmo que cause incômodos, vá marcando, cotidianamente, o caminho novo com seus próprios pés" (calunga da calunga grande).

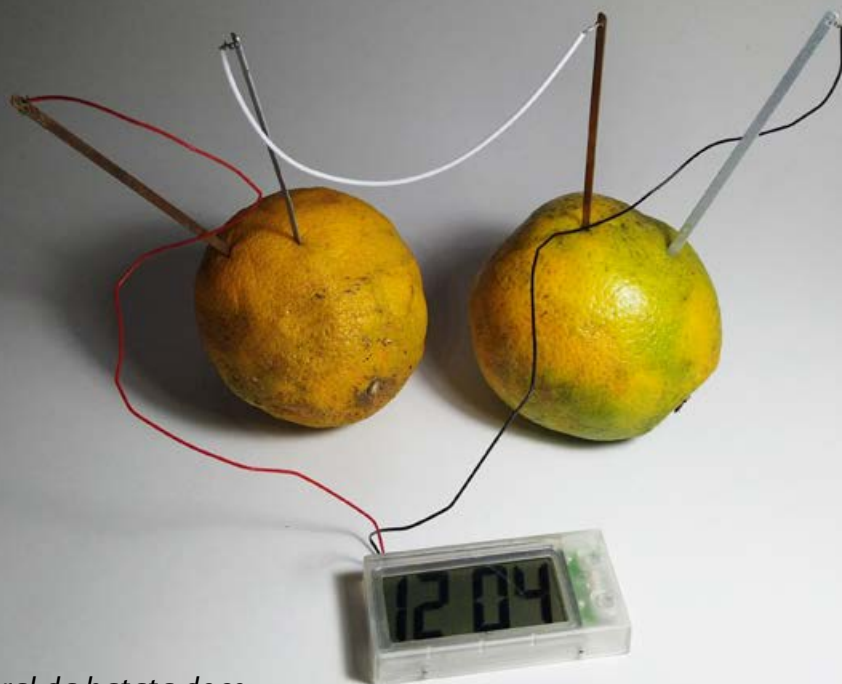
no meu caso, exu tem sido educação e potência. potência como intensificação de modos (a arte de existir) gestados/instaurados na pororoca (o encontro intensificante) de nós, os cartógrafos-antropófagos, então. educação como acontecimento, na tábua da beirada, em modo contínuo de cisão poética, partejando a atenção. especialmente a atenção de observar o funcionamento das emoções, através de uma técnica que vou chamar, inspirada pelo david lapoujade em "existências mínimas", de anacatáforica (juntando anáfora, catáfora e catástrofe, numa espécie de iô-iô): mergulhar nas constrangedoras sensações terra/céu/terra: ana (latim), o movimento de baixo para cima, kata (latim), o movimento de cima para baixo. esse vai e vem recapacita a força de ver e de fazer ver, o casadinho de michel foucault. esse vai e vem muda o verbo que pretende solidificar os corpos e instaura imagens que aceitam os estrangimentos (paradoxais) de aparecer, desaparecer e reaparecer. e, talvez e impossivelmente, essa dança intensifique a micropolítica mais antiga que se tem notícia: o amor. quem sabe, a belíssima premissa de seu calunga da calunga grande, "o amor está sempre pronto para ser incorporado", aumente, assim, sua realidade, porque, segundo os principais pesquisadores de uma ciência dura chamada matemática, a questão (da vida, do conhecimento e da política) é inescapavelmente metafísica.

Denilson Baniwa





O tempo natural da batata doce



O tempo natural da batata doce

O TEMPO NATURAL DAS COISAS EFÊMERAS

Antigamente o tempo não existia
A memória portanto ainda não nascera
No vazio do Universo surgiu por si só
A semente do tempo
Num rachar mudo a semente se fez viva
Assim nasce a memória

Por si só, por sua própria vontade
A única que até então é livre
A persistência além da existência humana
Ela se grava no cosmos
Nas constelações, na atmosfera
Nas rochas, plantas e rios

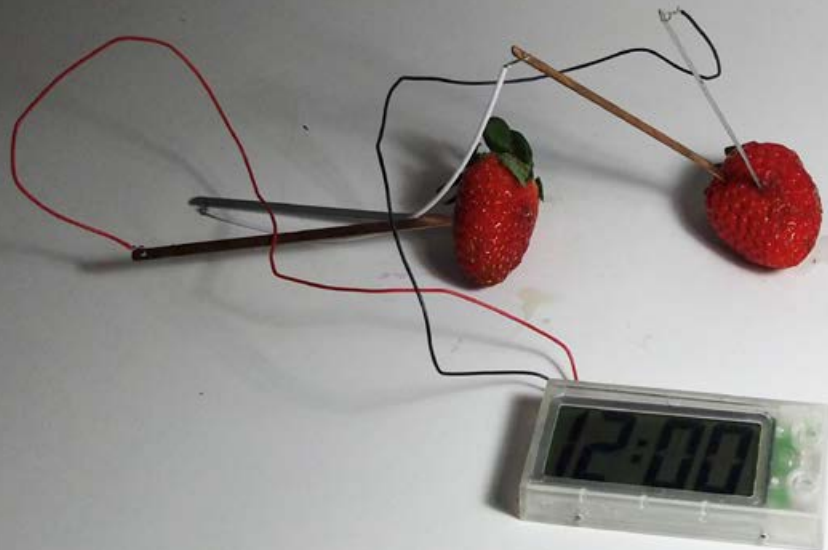
A memória é o tempo
Que segue seu caminho
Com humanidade ou não
Como a memória que é viva antes da gente
Quando apenas os Donos dos Universos estavam aqui
Quando apenas a Avó-Universo era presente

O tempo natural das coisas
O tempo da natureza do cosmos
O tempo do que é invisível
O tempo dos animais
O tempo das florestas
O tempo

O tempo que insistimos em controlar
Com nossas máquinas e matemática
O tempo que dividimos para dominar
O tempo que gravamos para lembrar



O tempo natural da cebola



O tempo natural do morango

Antigamente não existia a noite
O tempo era o sol e trabalhávamos sem descanso
A luz do sol queimava as retinas
O calor do sol fatigava nossos corpos

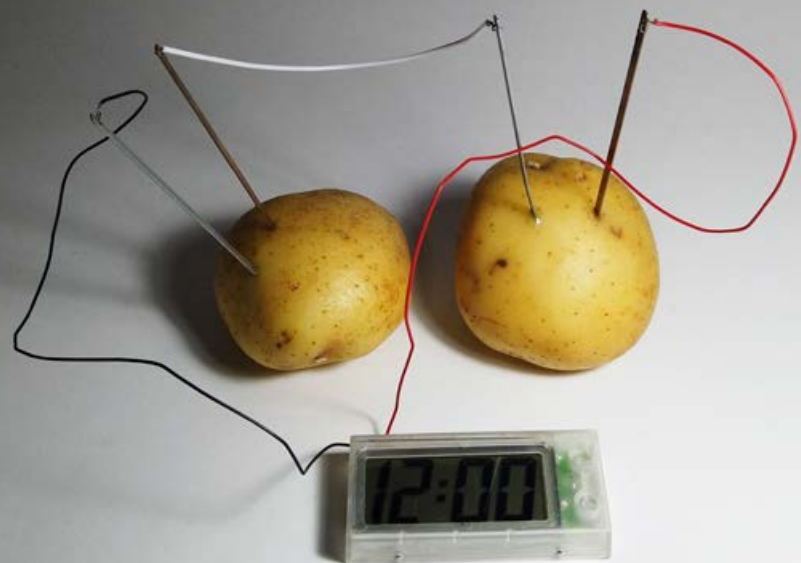
Antigamente a primeira humanidade teve que buscar a noite
Roubando a partir da desobediência a divisão do dia
Com a noite veio o frio e medo
Com a noite veio o desejo de dominar o tempo

Dividimos o tempo em espaços
Yocto, zepto, pico, mili, segundo
Minuto, hora, meses, anos, séc, mil, zetta
Mas desde daquela semente no Cosmo
O tempo é por si só a memória
Incontrolável

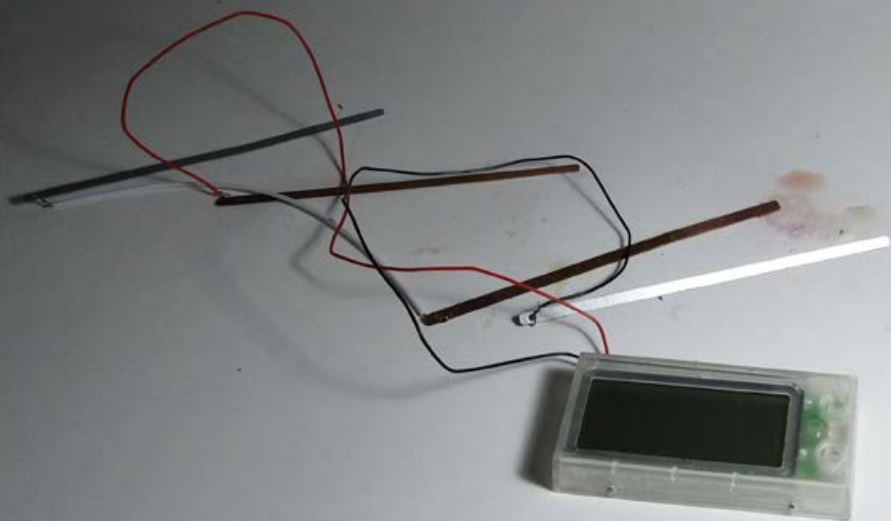
Na tentativa de dominar o tempo
Criamos tentativas de imortalidade
Construímos memórias artificiais
Que só faz sentido para o Ego
Cidades, concreto, arquitetura
Música, Filmes, literatura
A imortalidade através de métodos

Só voltamos ao tempo natural
Quando nossas máquinas e maquinações
Mostram-se ineficiente para parar
O tempo natural das coisas

O tempo da floresta
O tempo dos fungos que devoram
Desde de antes de existimos neste planeta
O tempo da semente, broto, maturação
O tempo natural das coisas



O tempo natural da batata

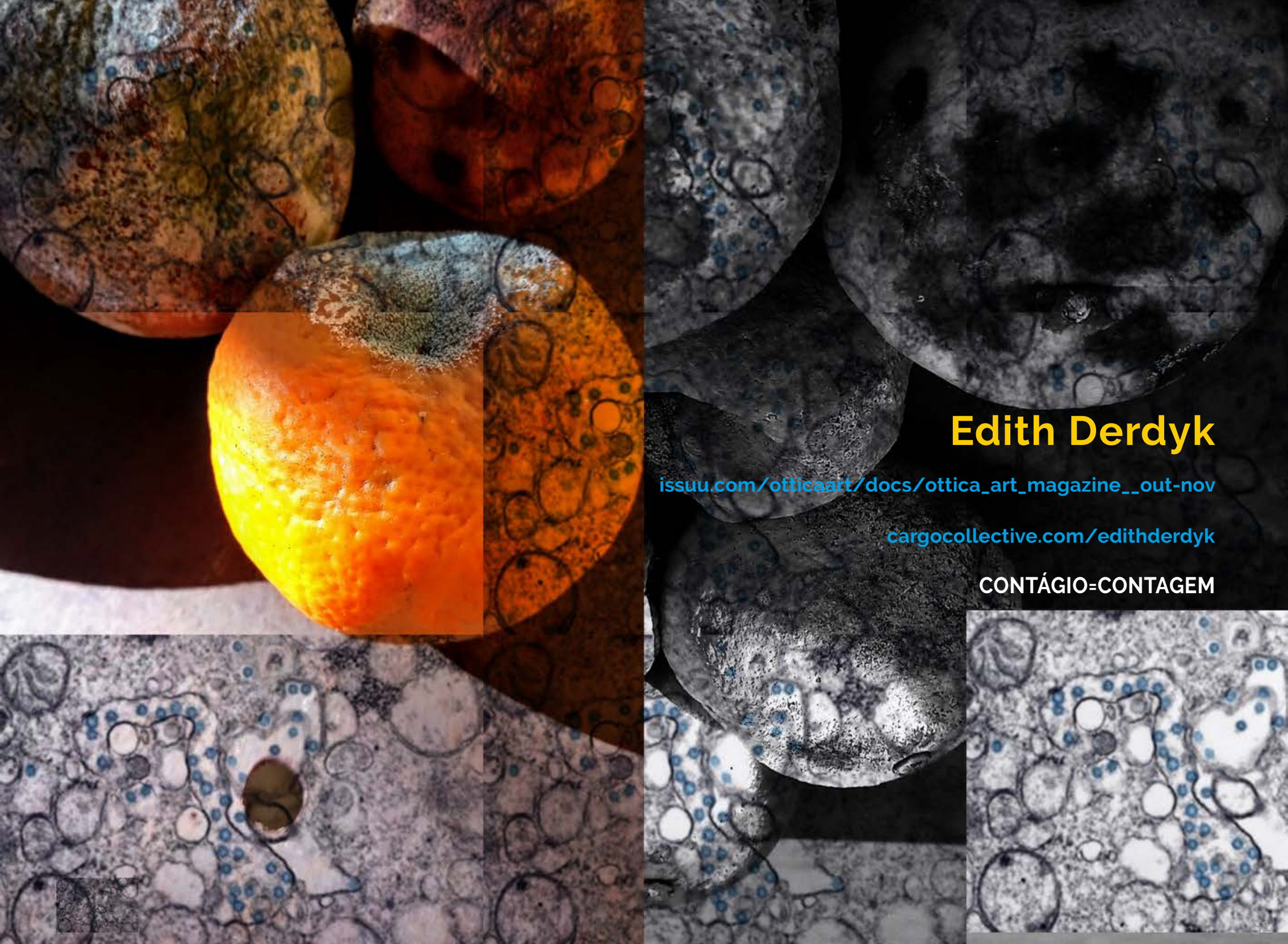


Circuito desconectado

Onde não conseguimos controlar
Com nossas máquinas e imaginação
O primeiro dourado da aurora
O último verde da fibra
Nada dura, tudo é efêmero

A obra *O tempo natural das coisas efêmeras* surge a partir das experiências emocionais da pandemia do Covid-19. Muitos planos foram obrigados a serem desfeitos e muitas ideias passaram a não fazer mais sentido, uma resposta da natureza das coisas aos humanos em sua fragilidade de controle do tempo.

A obra, assim como minha própria existência é uma tentativa de conectar dois mundos, o natural e o artificial. O mundo da organicidade com dos circuitos eletrônicos e cada um se alimentando do outro existem enquanto houver vida do outro. Quando o alimento orgânico for devorada pelos fungos o circuito deixa de funcionar, quando o circuito for devorado pela ferrugem o orgânico deixa de ter motivos nesta relação. Embora a natureza possa existir sem o artificial, este não pode existir sem o natural, um conhecimento sabido por todos os povos indígenas, desde os tempos onde houve a possibilidade de escolha entre conhecimento da floresta ou a arma de fogo, aos indígena coube a descoberta dos segredos orgânicos e aos branco coube a descoberta de tecnologias que substituiriam o orgânico. Ambos, sem o outro ficam entregue ao tempo que imprevisível não pode ser controlado. O tempo é a memória das coisas, não o tempo controlado, mas sim o tempo por si próprio. A relação entre ambos são registrados ao vivo e transmitidos via internet, que é a emulação da memória natural. Neste tempo, eu, o Covid-19, você, a semente, a planta, a raiz, o fruto e o circuito foram colocados em seus papéis sem suas próprias vontades. A única autenticidade em tudo isso é a memória.



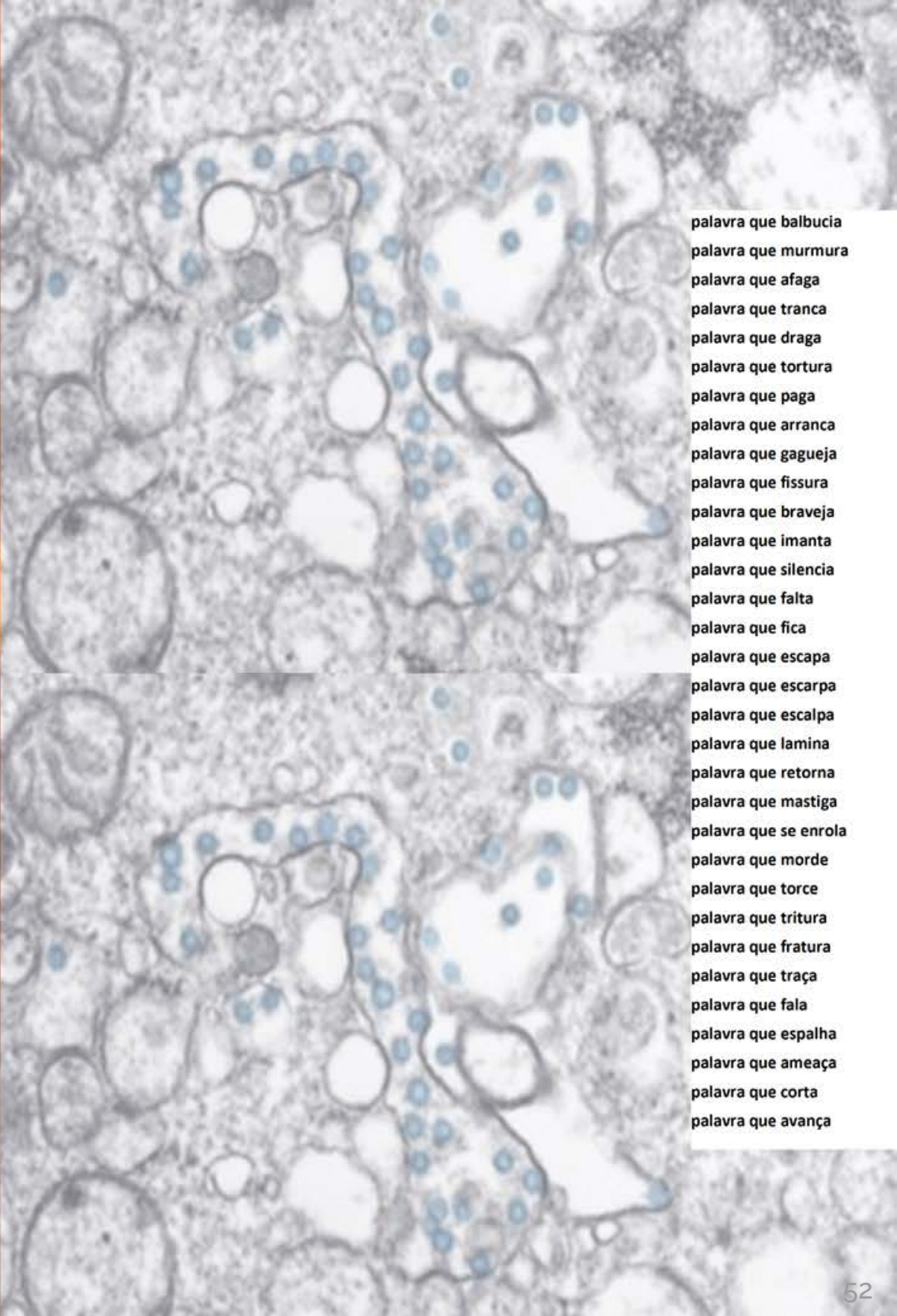
Edith Derdyk

issuu.com/otticaart/docs/ottica_art_magazine__out-nov

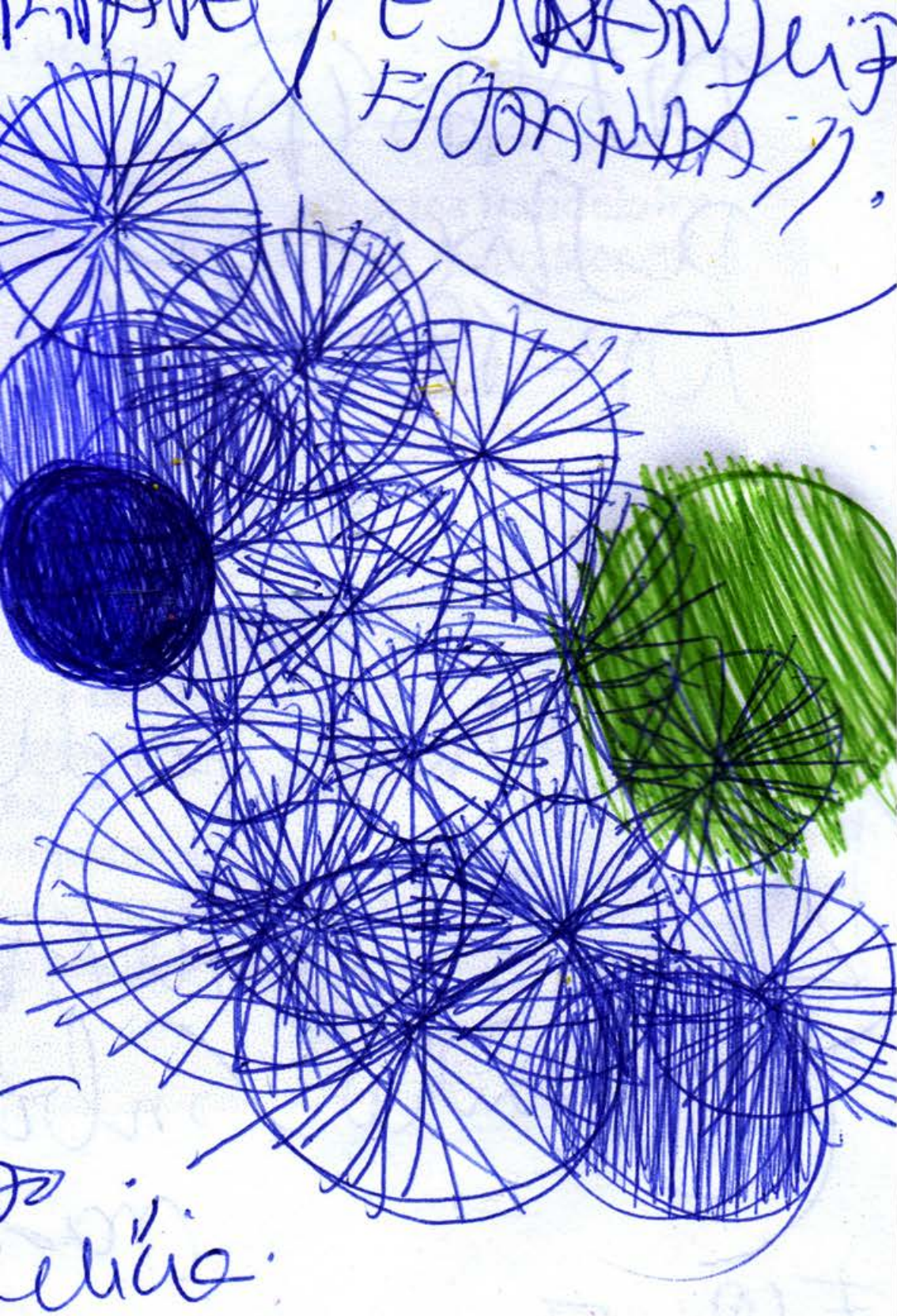
cargocollective.com/edithderdyk

CONTÁGIO=CONTAGEM





palavra que balbucia
palavra que murmura
palavra que afaga
palavra que tranca
palavra que draga
palavra que tortura
palavra que paga
palavra que arranca
palavra que gagueja
palavra que fissura
palavra que braveja
palavra que imanta
palavra que silencia
palavra que falta
palavra que fica
palavra que escapa
palavra que escarpa
palavra que escalpa
palavra que lamina
palavra que retorna
palavra que mastiga
palavra que se enrola
palavra que morde
palavra que torce
palavra que tritura
palavra que fratura
palavra que traça
palavra que fala
palavra que espalha
palavra que ameaça
palavra que corta
palavra que avança



Elza Maria Sinimbu Lima









**Fernando
Coelho**



Fernando França

www.instagram.com/fernandofrance/

ANOTAÇÕES DE UM VIAJANTE







Fernando Limberger

cargocollective.com/fernandolimberger

SÉRIE INFLUENZA C.P.





Flávia Cirne







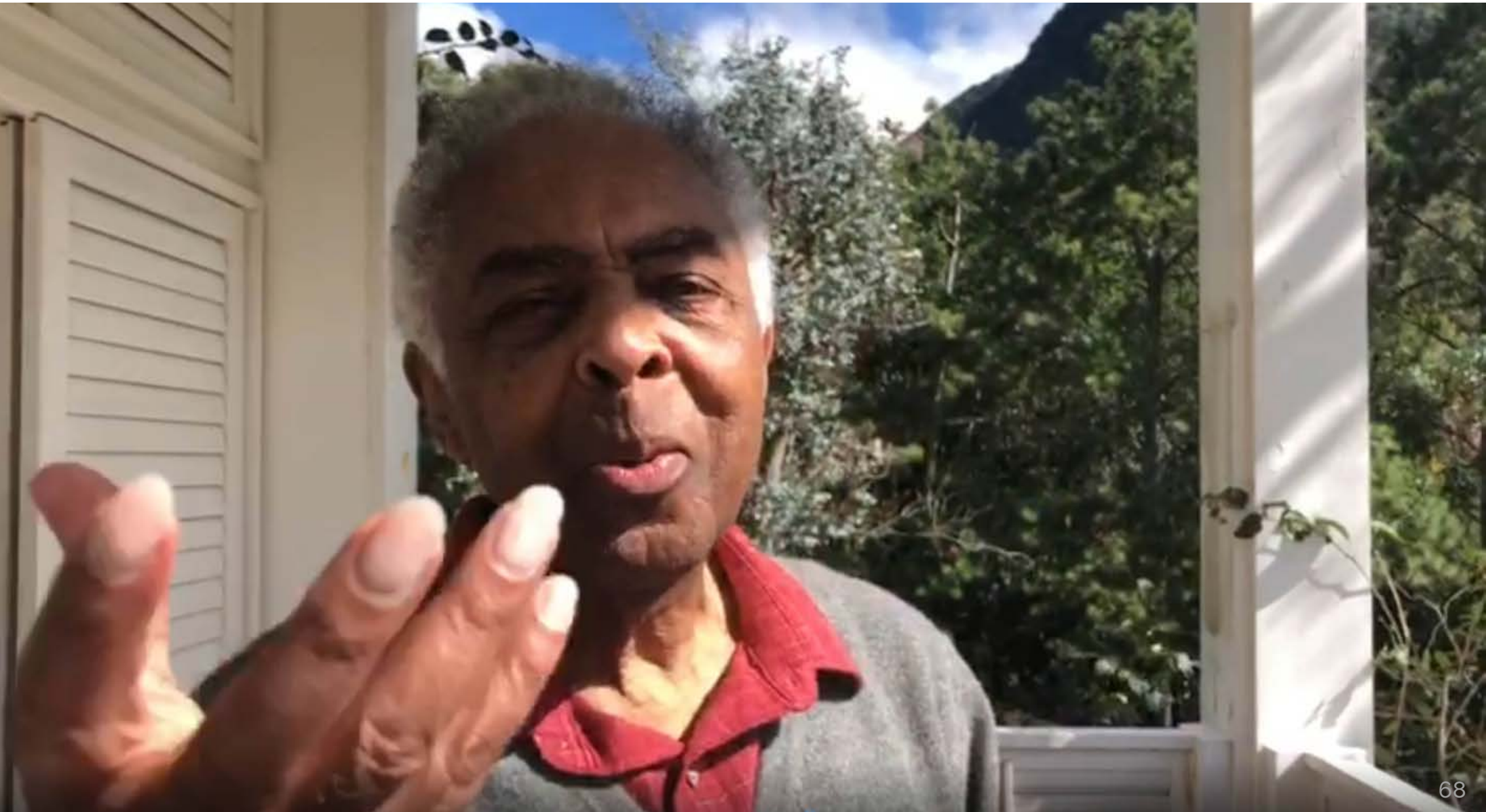


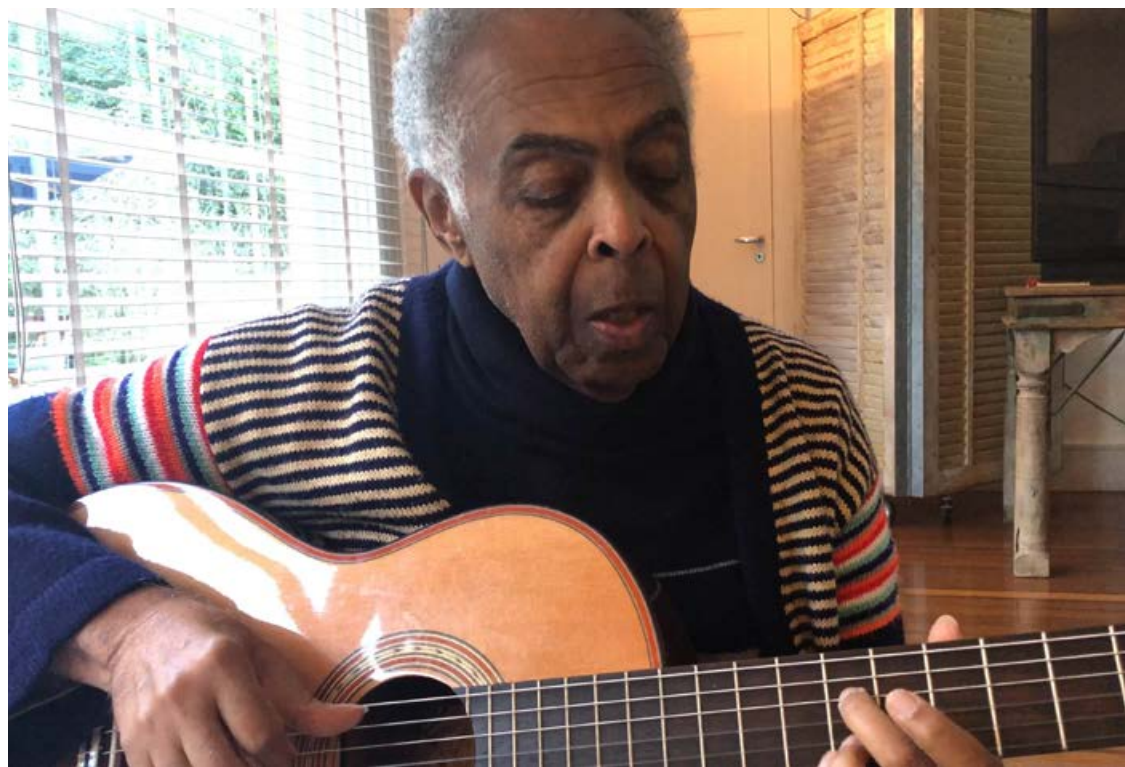
Gilberto Gil

www.youtube.com/watch?v=lf1CyMyMveQ&feature=youtu.be

REFAZENDA - youtu.be/s4SkIYjSoaA

Gravada durante a quarentena e ofertada a Bené Fonteles





Glenio Lima

RESIDÊNCIA / TRABALHO

Galeria Matutina Onze, Rua Matutina Nº 11 - Pirenópolis GO ,Te. (61) 99982 8118







Guto Lacaz

QUARENTENA

Hamilton Faria

ANDARILHAR

todas as manhãs viajo
a lugares desconhecidos
secretamente meus
busco tesouros escondidos
não os acho
uma pepita aqui
outra ali
e sei que existe o veio
cascalho novamente
assim passam-se dias
laboriosos
pequenas faíscas acendem
um candeeiro tímido
depois apagam
e um céu brumoso se despe
no sono do silêncio

continuo a andarilhar
frágil passo tropeça
em estrelas dos caminhos
um velho em que a alma
desabita o corpo
e assim passam-se os dias
o Verbo expande horizontes
e a cada palavra dita nasce
um outro ser dentro
lagarta em metamorfose
galga escadas e estrelas
menino tropeçando
no sono das palavras
busco diamantes
em meio a cascalhos tristes
carbonos desolados

nuvens de ilusão
na solitude sem pontes
e lá está oculto e vivo
o que procuro
longe e perto
aqui e longínquo
atrás de todos os sons
sóis e vozes
e assim passam-se os dias
do meu andarilhar

acordo sem sono
nesta honrosa hora
da minha pequena
grandeza

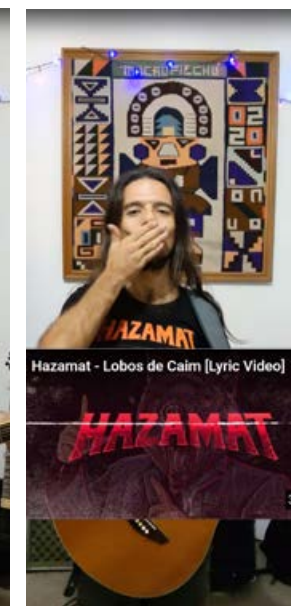
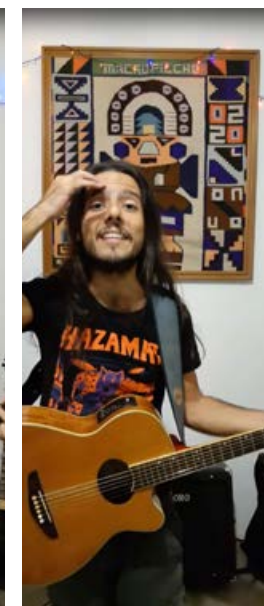
Maio 2020



Hazamat

youtu.be/l6Z6ivAp6j4

Vídeo inédito para participar do projeto "Arte para quem precisa de Solidariedade", organizado por Bené Fonteles.





Hélio Ferverza

www.helioferenza.net

(quintal2 [ninho - pássaro { - ninhobarba }])



Jonas Barros





Julio Villani

[casadopovo.org.br/
panos-pretos/](https://casadopovo.org.br/panos-pretos/)

O artista Julio Villani cedeu para Casa do Povo as artes da série Panos pretos, que pintou para a intervenção realizada no final de maio de 2020, nas grades da Embaixada do Brasil em Paris, em protesto aos acontecimentos recentes. O trabalho ficou visível por poucas horas, antes de ter sido retirado pela Embaixada.

Com o consentimento do artista, as artes foram redesenhadas para facilitar o compartilhamento online e a impressão caseira. Uma tiragem foi realizada em parceria com o Parquinho Gráfico e distribuída no bairro do Bom Retiro.






o montecapto
arrogantemente
messeavelmente
exacerbavelmente
ignobilmente
irracionalmente
nauseantemente
prepotentemente
vulgarmente
ignorantemente
indecentemente
calhordosamente
mente

#ForaBolsonaro

brasil
dignidade
justiça
respeito
memória
integridade




COLONIZADO
DO
AR
CO.
COMPO
OIA
DIA
~~...~~
-DOS NA
CKD.
ESTÁTICA
ENCARTA
SÉRIE
que
OS
ITA
OMCEITA



Marcio Almeida

11
AR
AR
ARAS
ARAS
MASTARAS
CAIRAM



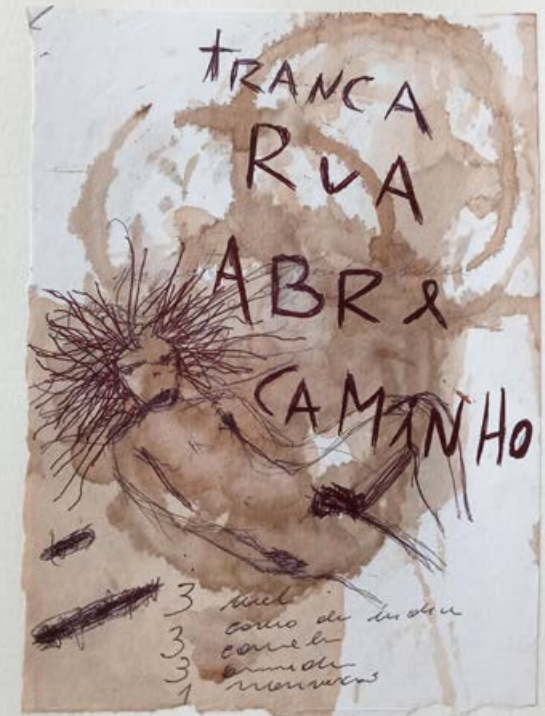
Mozdor
40+1/A
de
CHOCO-
late
OU
CAFÉ
340
OP
CA



TRANCA
RUA
ABR &
CAMINHO

3
3
3
1

Nada
corro de m de u
correl
brinde
monstru



CORD FICH

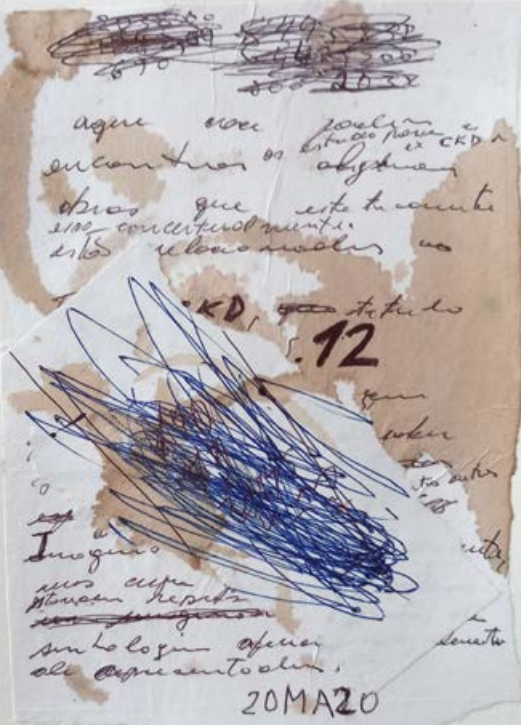
21
2

M.A.



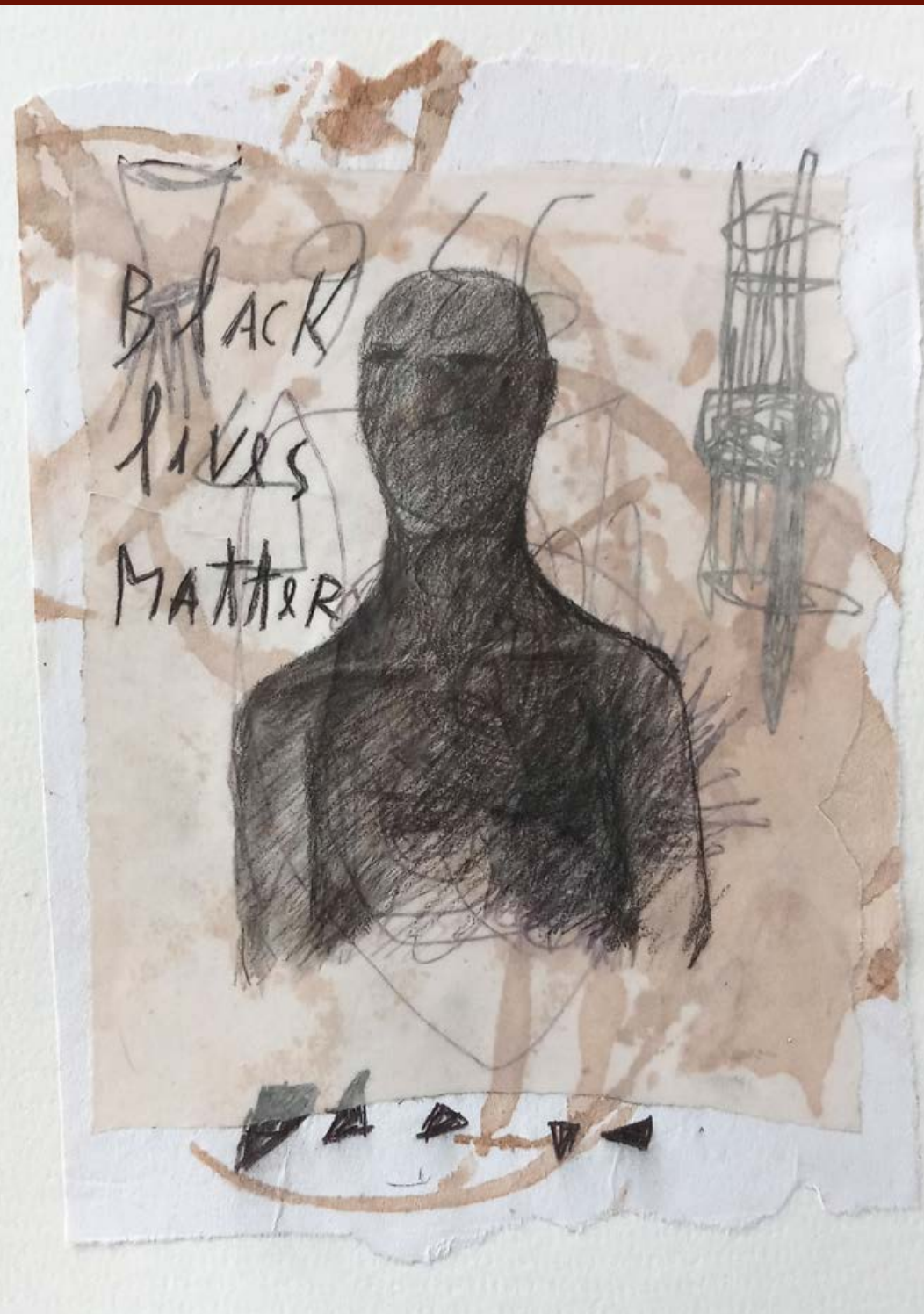
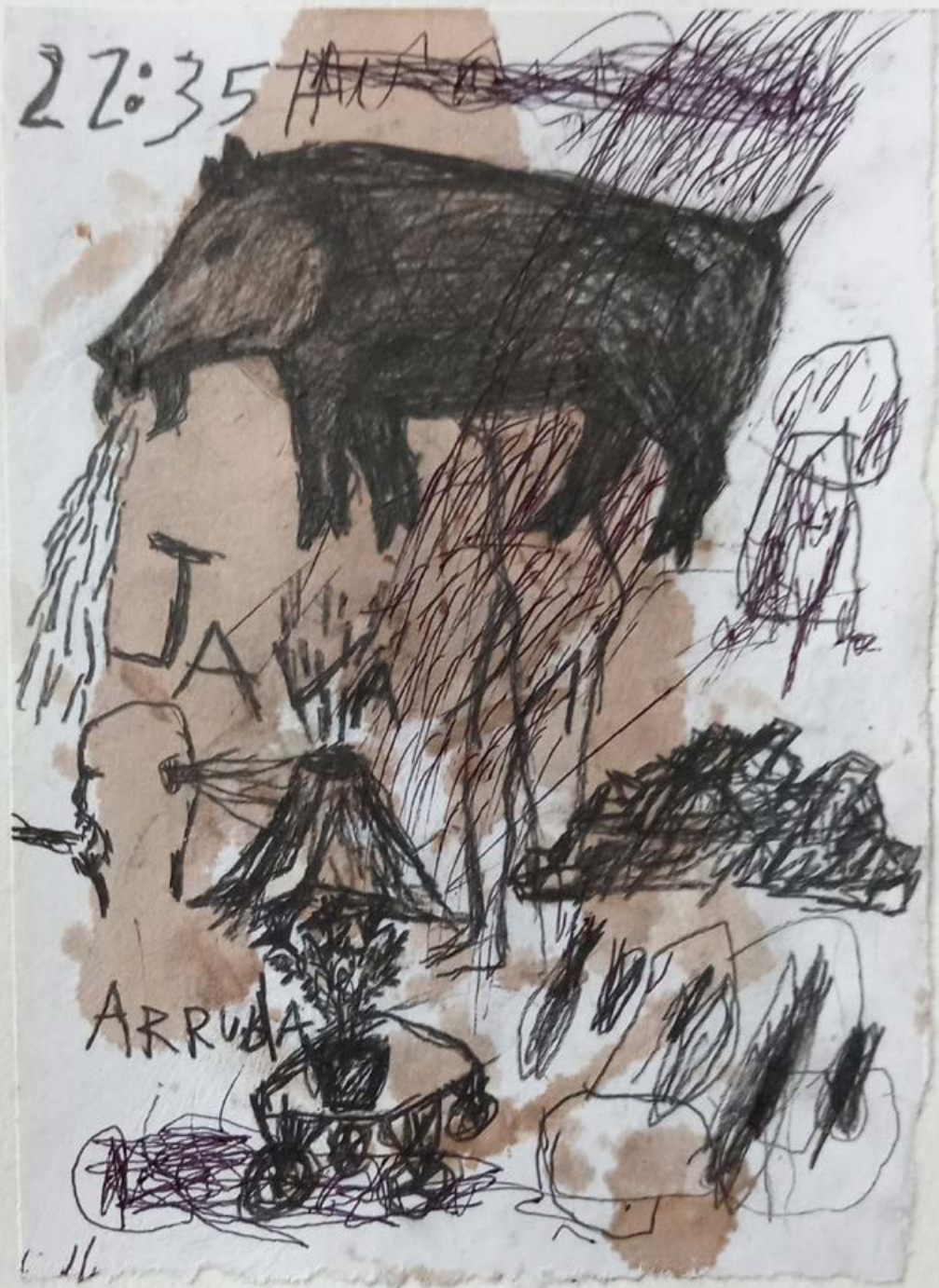
aque sou polon e
encontrer os estudos Novos e
obras que este trabalho
são ulbono molis no
KD, ~~o~~ titulos
12
Inquirio
nos caso
antologos operar
de experimentos

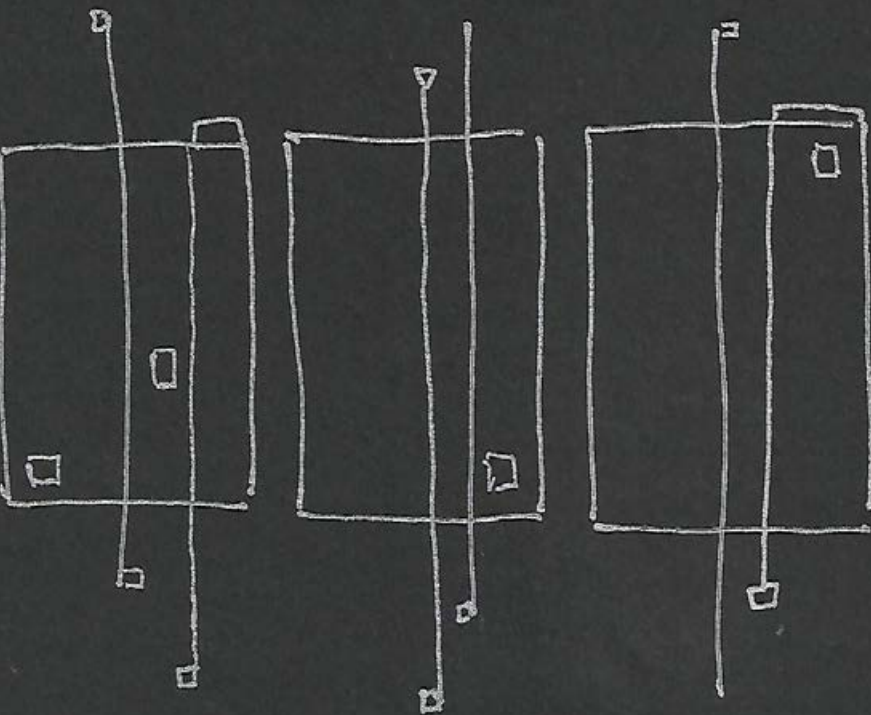
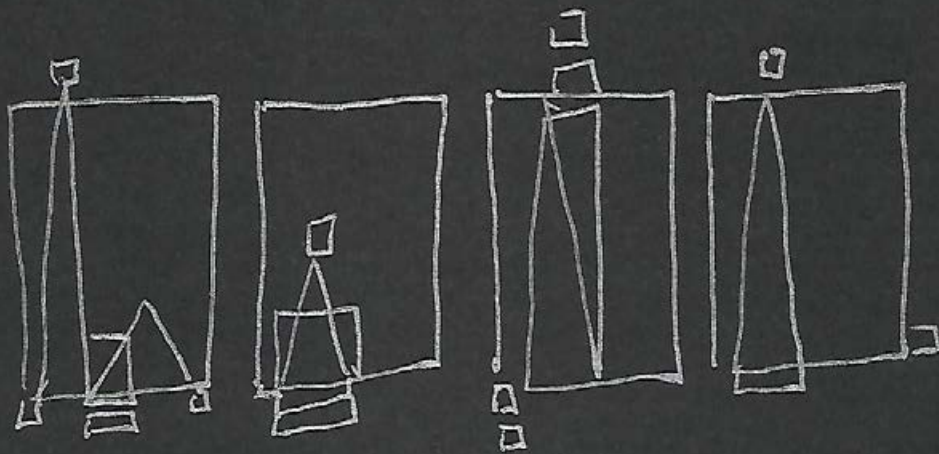
20MA20



Abstract drawing with a central vertical structure and various geometric shapes around it, drawn with black ink on a light background.







Maria Helena Andrés

Música na quarentena
Da minha janela
eu vejo Alexandre
chegar com sua
flauta e violão.
Vejo meu neto
à distância.
Estou de máscara,
mas a música
vai conduzindo
imagens, cores, sons
para um espaço
que não está preso
à janela do meu quarto.
A música do Alexandre
é a música das esferas.

Da minha janela
Eu posso ver

o gramado em frente.
Vejo pássaros cantando.
Tento me comunicar
com eles,
mas eles cantam
e voam.
Eu da janela
só posso vê-los
e senti-los
como irmãos de
uma só e grande
energia criativa.

Junho 2020



**Marlui
Miranda**

youtu.be/jxL_DNJdiLQ

Miguel Chikaoka

www.instagram.com/mchikaoka/?hl=pt-br

CAVALO ALADO

Brinquedo de Miriti - Artesãos de Abaetetuba, Pará



ciclo

.

colher
sementes

.

.

semear
frutos

.

fluxo

eu

.

não

.

me

.

habito

minha função

.

não ter
nenhuma



Miguel Penha

www.miguelpenha.com.br

NASCENTE BURITI

Óleo sobre tela, 120x90cm, 2020

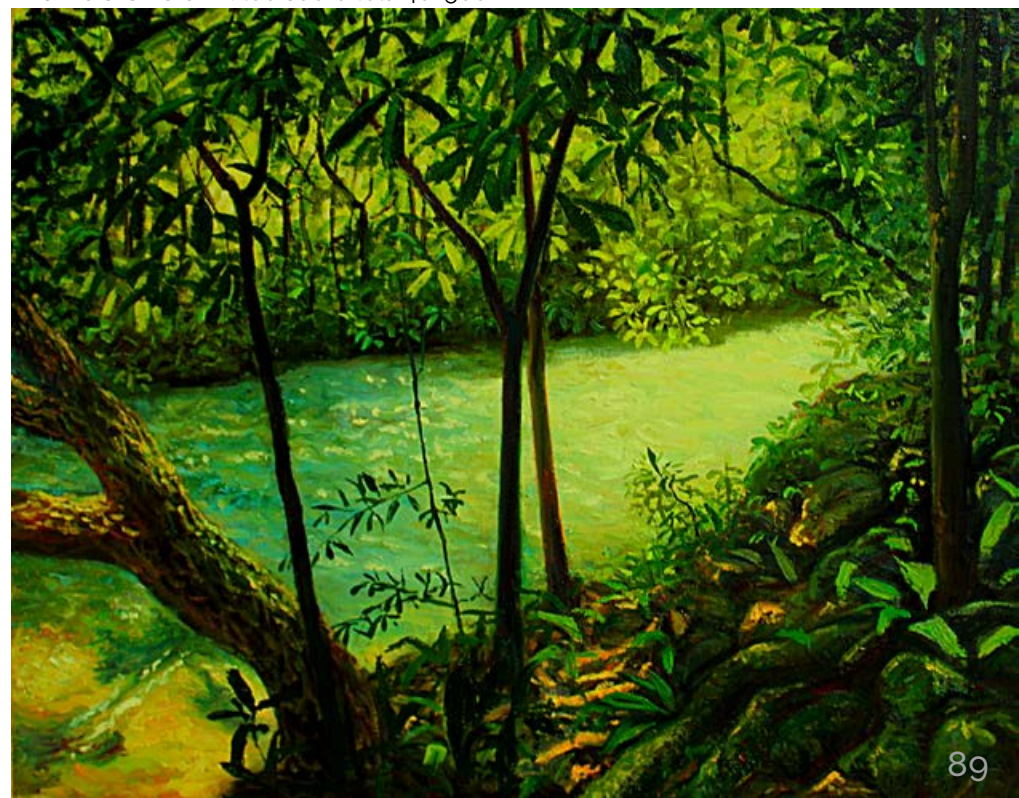


Angico Vermelho - Óleo sobre tela , 120x90cm



Aricá - Óleo sobre tela, 40x50cm

Rio Paciência - Óleo sobre tela 40x50cm





Mirindiba - Óleo sobre tela, 90x120cm



Miguel Simão Costa

ESPAÇO DA CASA AERADA-VARJÃO

Miniaturas de gigantes pardos

Matrizes de uma série que serão reproduzidos em diversos materiais, tais como: chumbo, acrílico, borracha látex e outros



CASA
AERADA-VARJÃO
Reunião:
elas estão de
salto alto
Cera de carnaúba
do Piauí



CASA
AERADA-VARJÃO
Com máscara
Com medo





Mila Petrillo

SHIVINHA



finalmente te perdi
e a reconquista
se inicia

o território é o seu corpo
o inimigo a brutalidade
(alcina um dia me disse:
eu não sou só buracos)

minhas armas
sempre falham
nos campos de batalha
da alma

avanço mas abraço o vazio

Nicolas Behr

Faz escuro

mas eu canto

Paulo Miyada

Nunca encontrei muitos detalhes sobre a ação "Nostalgia do Corpo: diálogo", que Lygia Clark realizou na II Bienal da Bahia (1968). Até onde entendi o núcleo da ação é o diálogo silencioso entre duas pessoas frente-a-frente; uma delas segura uma pedra e a outra faz um abrigo, sem se tocar. Esse gesto inspirou Caetano Veloso a compor os versos "If you hold a stone/ Hold it in your hands/ If you feel the weight/ You'll never be late/ To understand". Noutro dia, falando de Lygia, lembrei dessa ação e de uma estória. Em 2018, quando o período eleitoral fez aflorar virulentos discursos de ódio, homofobia, intolerância religiosa, transfobia, machismo, racismo e classismo, ficou bem difícil dar aula no grupo de estudos para artistas. Estavam todos aterrorizados, temendo pela segurança de si e do outro, e muitas aulas foram "perdidas" para processar o que estava acontecendo. Às vezes, falar não dava conta e precisávamos ir para o corpo e para a presença. Uma das aulas então terminou

Faz escuro

mas eu canto

ESCURO

VIAS É

ANT

com uma adaptação livre dessa ação. Tínhamos pedido para cada um levar uma pedra e formamos duplas. Uma dezena de pedras abrigadas por vinte mãos. Vinte pessoas juntas, olhando-se, criando pequeninos campos de calor emanado sem falar nada e nem se tocar... Não sei bem como caiu para cada um que estava lá, mas eu não vou esquecer daqueles segundos em que, juntos, conjugávamos o cuidado e a lembrança de que ninguém estava inteiramente sozinho.

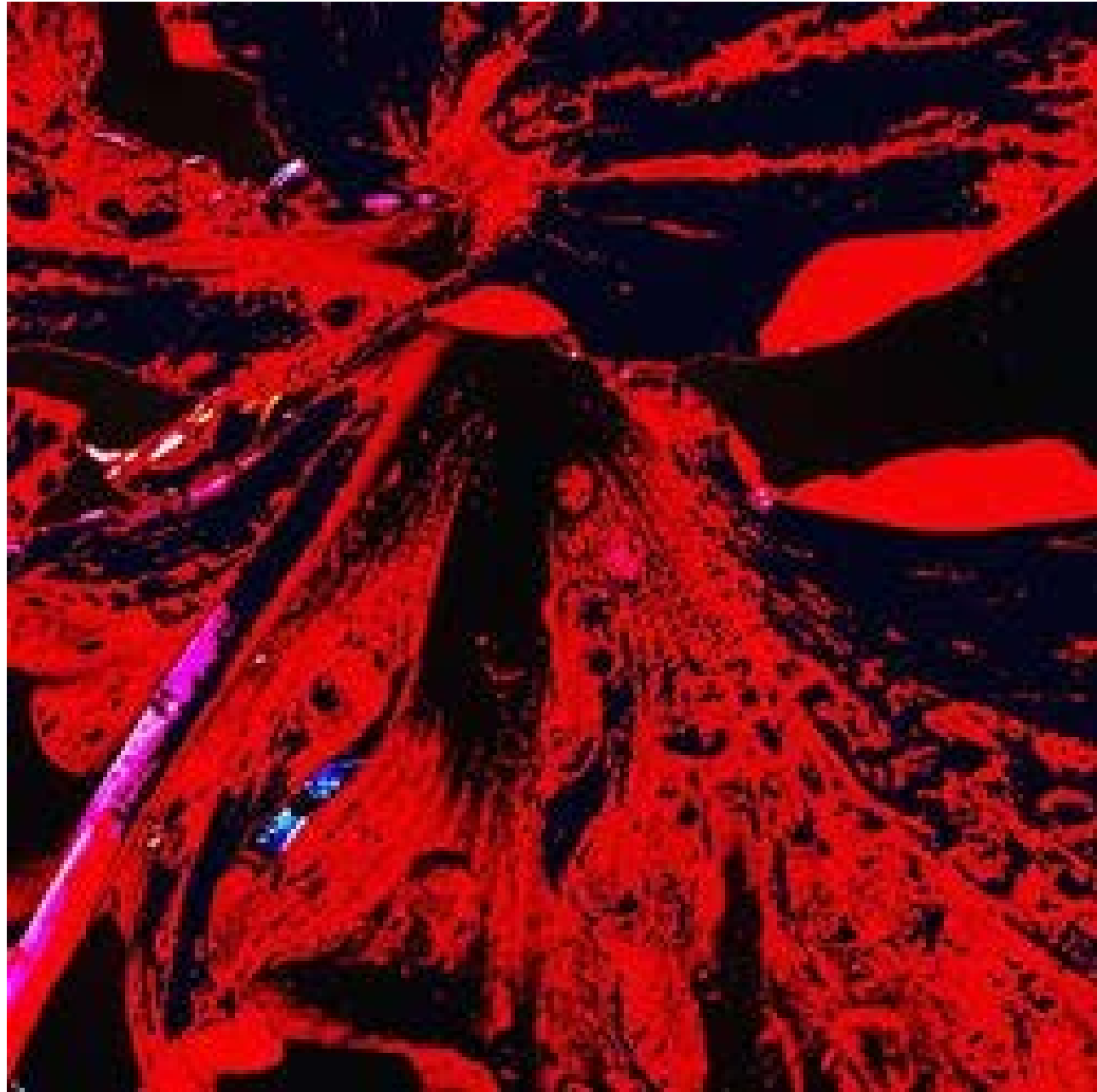
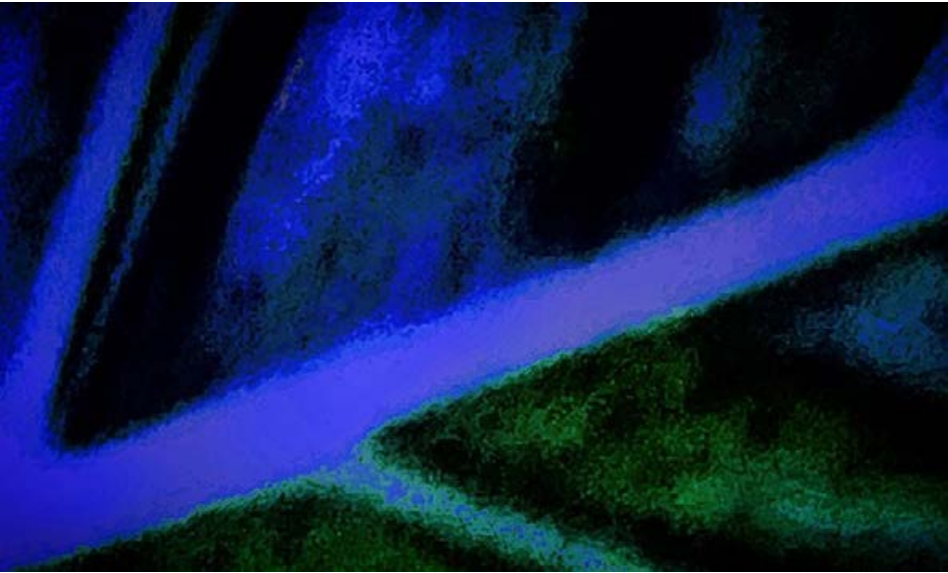
Lembro de novo disso agora, diante do desafio civilizatório que temos pela frente. Não vai ser fácil, especialmente para quem já tem outros problemas de saúde, para quem vive sem direitos trabalhistas ou em condições precárias de urbanização e para quem já sofre com solidão, paranóia, depressão e tantos outros quadros psíquicos sensíveis. Pode ser bom então tentar resgatar algumas lições deixadas por Lygia Clark: a casa é o corpo, existe cuidado sem contato, é possível exercer o sensível como uma expansão compartilhada da duração e da presença.

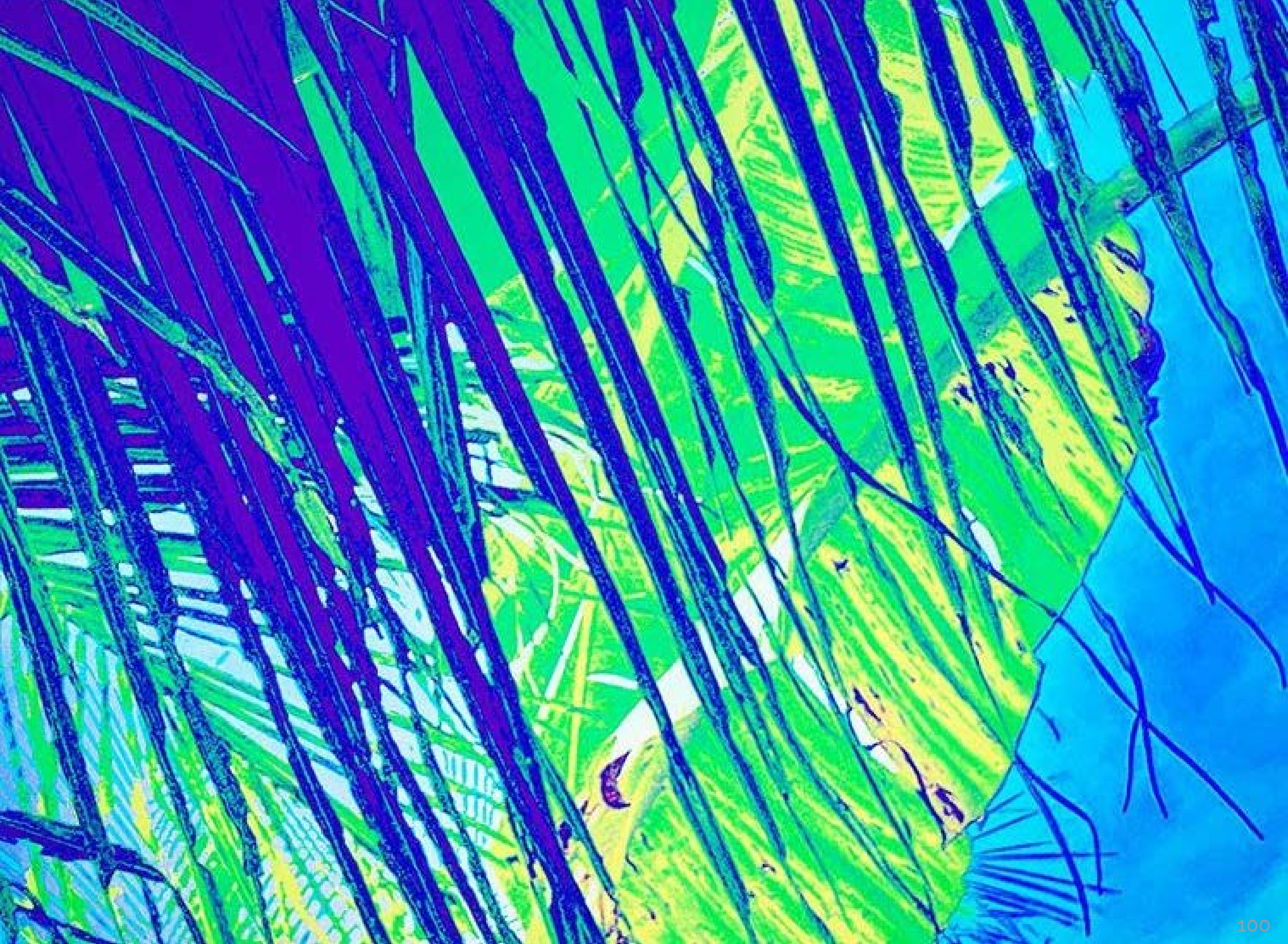
Se para preservar a saúde de si e dos outros será necessário mantermos distância, pode ser também propício criar novas formas de contato entre nós - ainda que de longe

Paulo Miyada
Co-curador da 36ª Bienal de São Paulo

Regina Vater

www.instagram.com/p/B_qVhEDnTqT/







Sarah Hallelujah

www.flickr.com/photos/sarahallelujah/

Estudos sobre a trajetória do Bendegó, 2020

Recortes e colagens com o Relatório sobre a remoção do meteorito do Bendegó do sertão da província da Bahia para o Museu Nacional redigido por José Carlos de Carvalho em 1888 e o Estudo sobre o meteorito do Bendegó escrito por Orville A. Derby e pintura com óxido de ferro.



METEORITO DE BENDEGÓ

RELATORIO

ALFONSO DE

MINISTRO DE AGRICULTURA, COMERCIO E OBRAS PUBLICAS

SECRETARIO DE AGRICULTURA DO RIO DE JANEIRO

NO RELEVANTO DE BENDEGÓ

do sertão da provincia da Bahia para o Museu Nacional

Alfonso de Carvalho



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL



ESTUDO SOBRE O METEORITO DE BENDEGÓ

ORVILLE A. DERBY.

Em 1816 o Sr. A. F. Moray, em comunicação dirigida á Sociedade Real de Londres (1), tornou publico o interessante facto de ter sido encontrado nas archivas do portuguez da Bahia e Lisboa, da provincia interior da provincia da Bahia, um meteorito de ferro castanho, de dimensões grandes.

Mr. Moray, cavalheiro inglez, que esteve por algum tempo no Brasil, e que, em 1811, foi comissionado em 1811 para examinar certas aguas mineraes de um certo curido fallado em 1782, e de um vilhom, que suscitou a curiosidade de alguns senhores, e que se resolveu visitar a localidade, e que, em 1811, visitou os archivos do governo da Bahia, e que, em 1811, procurou a historia:

« No anno de 1784 (?) um certo Sr. Bernardino da Motta, que procurava

In 1816, Mr. A. F. Moray made public in a communication to the Royal Society of London (1) the interesting fact, buried for over thirty years in the archives of the Portuguese government in Bahia and Lisbon, of the existence in the interior of the province of Bahia, Brazil, of a mass of meteoric iron of unusually large dimensions.

Mr. Moray, an English gentleman who appears to have been for a time in the employ of the government of Bahia, states that being commissioned in 1811 to examine certain mineral waters in the interior and of a certain curio, and of a village, which had proved to be a source of interest, he resolved to visit the spot. On his visit he visited the government archives, he



(1) An account of the discovery of a mass of meteoric iron in Brazil, by A. F. Moray Esq. is to be found in W. H. Wallington, M. D. Sec. R. S. — Philosophical Transactions of the Royal Society of London, 1816, part 1, p. 294-295.

Stênio Diniz

Autor: Stênio Diniz

As dúvidas do poeta a cerca
da entubação



Autor: Stênio Diniz

Pandemia e Política
Política e Pandemia



Autor: Stênio Diniz

Isolamento Social ou
liberação?



Autor: Stênio Diniz

O aumento de feminicídio durante a **pandemia**



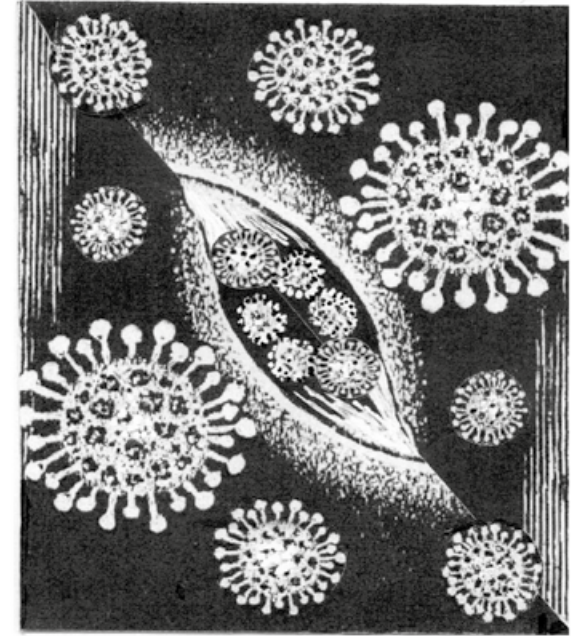
Autor: Stênio Diniz

O impacto econômico causado pela pandemia



Autor: Stênio Diniz

Cloroquina ou Tubaina, eis a questão...



Vicente Sampaio

www.facebook.com/vicsamp

| [flickr.com/photos/vicsamp/](https://www.flickr.com/photos/vicsamp/)



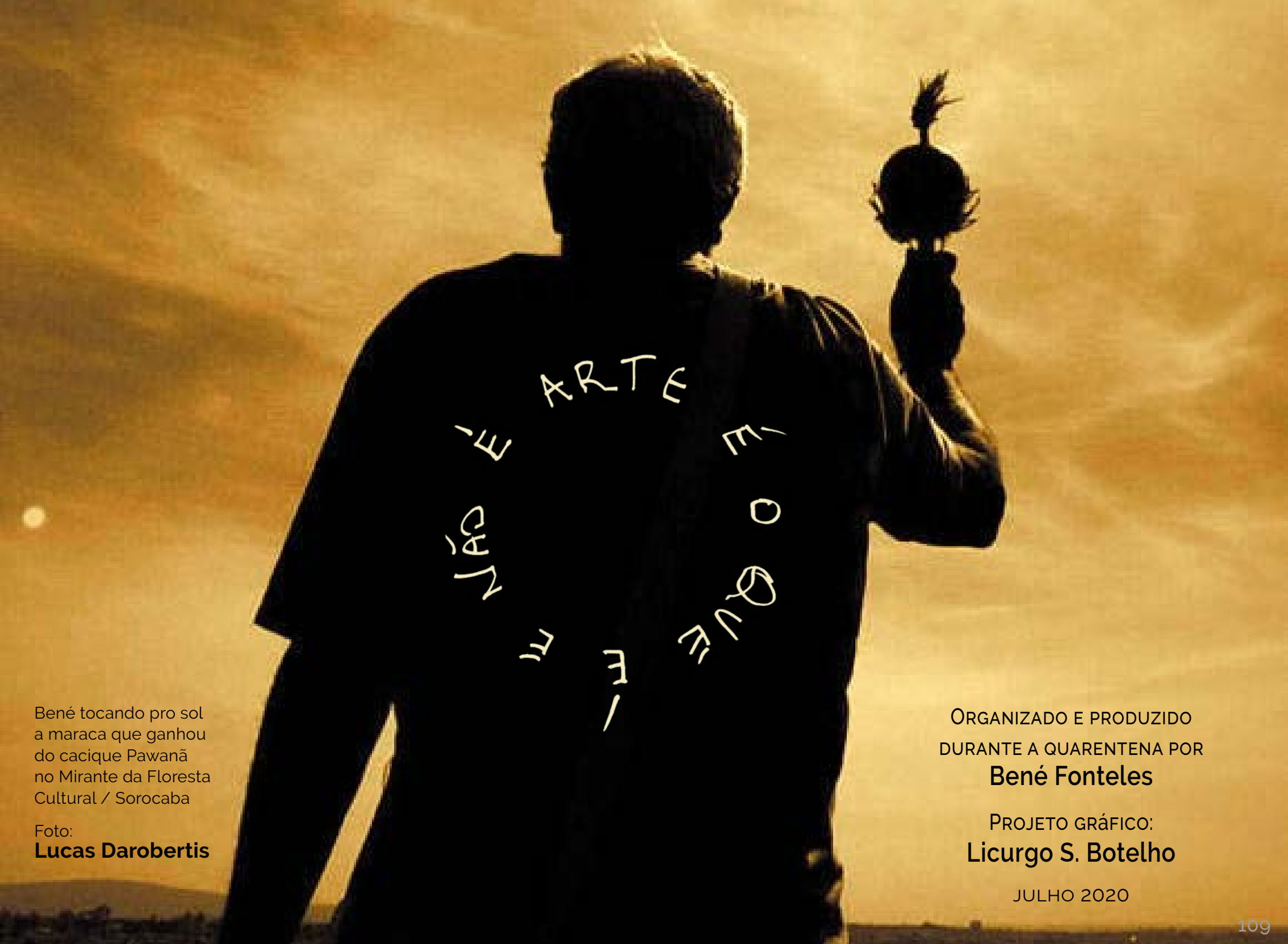
"Ver um Mundo num Grão de Areia / E um Céu numa Flor silvestre, / Ter o Infinito na palma da sua mão / E a Eternidade numa hora."
(William Blake)





Quando atravessar o túnel do obscuro / não esqueça a alma luminosa

Bené Fonteles



Bené tocando pro sol
a maraca que ganhou
do cacique Pawanã
no Mirante da Floresta
Cultural / Sorocaba

Foto:
Lucas Darobertis

ORGANIZADO E PRODUZIDO
DURANTE A QUARENTENA POR
Bené Fonteles

PROJETO GRÁFICO:
Licurgo S. Botelho

JULHO 2020